

*CAPACITANDO
A FORÇA
MISSIONÁRIA
INTERNACIONAL*

William David Taylor
editor



Formação & Informação
Caixa Postal 43 - 36570-000 Viçosa - MG - (031) 891-3149 - 891-1557

Título do original em inglês:

Internationalizing Missionary Training: A Global Perspective
Copyright © 1991 World Evangelical Fellowship Missions
Commission. Publicado originalmente em inglês pela
Baker Book House. Grand Rapids, MI, EUA.

Tradução: *Lilian Barreto Veríssimo*

Organização: *C. Timóteo Carriker*

Produção: *Marcos Bontempo*

Primeira edição, 1993

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados pela

Editora Ultimato Ltda

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa - MG

Índice

Apresentação	
<i>C. Timóteo Carriker</i>	5

Prefácio	
<i>William D. Taylor</i>	9

PARTE 1: O CONTEXTO DO TREINAMENTO MISSIONÁRIO

1. Introdução: Fixando o Cenário	
<i>William D. Taylor</i>	15

2. Manila e o Projeto Internacional de Treinamento Missionário	
<i>Raymond Windsor</i>	29

3. O Treinamento Missionário é Necessário para Obreiros do Terceiro Mundo?	
<i>Theodore Williams</i>	41

4. O Impressionante Crescimento das Missões do Terceiro Mundo	
<i>Larry D. Pate</i>	47

PARTE 2: MODELOS DE TREINAMENTO MISSIONÁRIO

5. Treinando Missionários na Ásia: O Instituto Asiático de Treinamento Transcultural	
<i>Titus Loong</i>	65

6. Rumo a um Modelo Coreano de Treinamento Missionário	
<i>David Taiwoong Lee</i>	87

7. Faculdade Missionária da Igreja do Interior da África, Eldoret, Quênia <i>Jonathan Hildebrandt</i>	101
8. Modelos Brasileiros de Treinamento Missionário <i>Vários autores</i>	115
9. Modelos Hispano-Americanos de Treinamento Missionário <i>William D. Taylor e Jonathan Lewis</i>	147
10. Faculdade Cristã All Nations <i>David Harley</i>	163

PARTE 3. CONSIDERAÇÕES EDUCACIONAIS DECISIVAS

11. Cultura, Aprendizado e Treinamento Missionário <i>James E. Plueddemann</i>	175
12. Adequação e Credenciamento em Treinamento Missionário <i>Robert W. Ferris</i>	193
13. Novas Direções na Educação Missionária <i>Lois Mckinney</i>	207
14. Centros de Treinamento Missionário e sua Relação com as Instituições de Educação Teológica <i>Barbara Burns e Izes C. Balbino Silva</i>	219

PARTE 4: CONCLUSÕES

15. O Desafio da Cooperação Interdependente: Construindo Pontes e Desenvolvendo Redes <i>William D. Taylor</i>	237
---	-----

APÊNDICE

<i>Uma Bibliografia de Treinamento Missionário Seleccionada: Com um Enfoque na África, Ásia e América Latina</i>	243
--	-----

Apresentação

C*apacitando a Força Missionária Internacional* vem preencher uma lacuna na literatura teológica brasileira e internacional pelo seu enfoque e conteúdo.

O livro lida com a interrogação central: qual é a preparação mais adequada para o serviço missionário? Desta pergunta fundamental outras questões relacionadas emergem: Em que constitui a preparação missionária? Qual é o papel da escola na formação acadêmica e espiritual, bem como na construção do caráter cristão? O que já está sendo feito no nosso meio? Quais são os modelos e quais são os seus pontos fracos e fortes? Quais recursos, humanos e escritos, estão disponíveis para juntas e agências missionárias, instituições de ensino teológico, ou até mesmo uma igreja local? São estas as preocupações que permeiam o livro e constituem a sua qualidade única.

O patrocinador do projeto, a **Aliança Evangélica Mundial** (World Evangelical Fellowship - WEF), juntamente com outras entidades, como a Comissão Lausanne para a Evangelização Mundial, reúne líderes de igrejas e organizações evangélicas que têm se identificado com o movimento “evangelical” do protestantismo, uma ala teologicamente conservadora. Não estão representadas as perspectivas missionárias dos ecumênicos, nem as perspectivas católicas, romanas ou ortodoxas. Mesmo assim, a representatividade da WEF não é pequena. A grande maioria dos missionários evangélicos transculturais pertencem a organizações ligadas à WEF, não ao Concílio Mundial de Igrejas. Isso é especialmente verdade na América Latin. Portanto, o presente volume oferece a perspectiva de uma importante parcela dos cristãos sobre o preparo para o serviço missionário.

Capacitando a Força Missionária Internacional

A tendência dos relatores dos modelos apresentados neste livro é, naturalmente, de enfatizar as qualidades nobres do seu programa. São os próprios treinadores que escrevem aqui. Digo isto por que faço inevitavelmente a mesma coisa. É imprescindível ouvir uma pessoa concretamente envolvida no seu programa de treinamento, bem como alguém não relacionado à instituição, que possa avaliar mais criticamente, mas com amor cristão.

Apresentamos ao prezado leitor o livro revizado para a audiência brasileira. Além dos artigos da versão original deste livro em inglês, alguns revisados por seus autores, o leitor irá encontrar outros modelos brasileiros de preparo missionário. Além disso, poderá contar com a recheada bibliografia missiológica recentemente compilada pela Associação de Professores de Missões no Brasil. Sugerimos às pessoas envolvidas no preparo missionário no Brasil, numa igreja local, numa agência ou junta missionária, ou numa instituição de ensino teológico, que não deixem de se afiliar a esta associação (veja informações na primeira página da bibliografia).

Concluo com dois pensamentos. Primeiro, existem outros modelos além daqueles incluídos aqui. O leitor naturalmente ficará atento para localizar e aprender desses modelos. Um modelo mais recente que merece menção é o Centro de Pastoral e Missão em Curitiba, Paraná. Esse centro tem somente um ano e meio, mas já promete ser uma instituição de preparo missionário importantíssimo no Brasil. Dirigido por Valdir Steuernagel, atual Secretário Executivo da Fraternidade Teológica Latino-Americana, o Centro conta com um corpo docente de alto gabarito, realizando um trabalho especialmente entre luteranos. Para obter informações adicionais, entre em contato com o Dr. Valdir, através da Caixa Postal 6557, Curitiba, PR.

Segundo, um livro como este depende eventualmente de uma avaliação honesta e ousada do desempenho missionário brasileiro. Ninguém gosta de ser avaliado, mas, quando se trata da promoção do reino de Deus, não podemos deixar que inibições e receios pessoais impeçam o aperfeiçoamento do nosso serviço para o Senhor. Tal avaliação poderá nos ajudar tremendamente a melhorar a maneira como preparamos servos do Senhor para o ministério em outras culturas. Os próprios missionários, os diretores das suas juntas e seus colegas nacionais podem ajudar na avaliação, bem

Apresentação

como alguns investigadores independentes. Isso é a próxima fase para o estudo do praparo missionário.

Portanto a capacitação da força missionária internacional é um processo. Nosso esforço em busca do melhor preparo possível é uma parte importante do cumprimento do nosso testemunho como corpo de Cristo. Pedimos a Deus que o presente livro contribua para o bom êxito desse testemunho.

Boa leitura!

Timóteo Carriker

Prefácio

William David Taylor

O título deste livro, *Capacitando a Força Missionária Internacional*, reflete precisamente o propósito e o conteúdo deste volume. Nosso desejo é apresentar uma perspectiva mundial no preparo de obreiros líderes transculturais; um espectro de modelos de diferentes países, contextos e instituições; uma discussão sobre alguns dos principais temas educacionais que causam impacto sobre o treinamento. É internacional em alcance, devido à criatividade estratégica dos modelos de treinamento que surgiram em vários países, particularmente no Terceiro Mundo. O impulso do nosso treinamento está na formação de caráter e no desenvolvimento de habilidades ministeriais transculturais. Estamos igualmente convencidos de que o treinamento efetivo surge de uma filosofia educacional cristã sólida.

Este livro é tanto **único quanto histórico**. Único, no sentido de que, até então, não existe nada parecido, em qualquer língua, a respeito de treinamento missionário. Por essa razão, seu impacto será sentido por vários anos. É também único porque abre a agenda para nossos colegas missionários, não apenas da Europa e América do Norte, mas também do Terceiro Mundo, para se expressarem a respeito do assunto. E eles o fazem com confiança! Todos nós compreendemos que, como nunca antes, estamos hoje diante de uma oportunidade singular de criar algo novo no preparo de obreiros

Capacitando a Força Missionária Internacional

transculturais, enquanto, ao mesmo tempo, aprendemos com os sucessos e insucessos do movimento missionário ocidental já existente. Este livro é único em português porque pela primeira vez podemos apresentar os temas e modelos de treinamento missionário.

Para que qualquer iniciativa de missões seja efetiva e duradoura, é necessário que exista uma infra-estrutura básica. O treinamento missionário em si não é uma panacéia; mas é um componente decisivo na preparação pré-campo, apesar de ausente por muito tempo. Os outros elementos da infra-estrutura funcional são: igrejas e líderes vibrantes e dotados de uma consciência missionária; candidatos dispostos e vocacionados; corpos de envio, de agências ou igrejas; programas de treinamento missionário bíblico, teológico e transcultural; mecanismos de provisão de fundos (levantar, administrar e canalizar o dinheiro); relacionamentos de rede; líderes de pastoreio, supervisão e estabelecimento de estratégias, no campo; pesquisa adequada e o campo ministerial alvo fundamental. Embora isso possa parecer complicado para muitos, os componentes devem estar organizados de uma certa maneira para que o trabalho missionário seja efetivo.

Este livro é **histórico** no sentido de que surge de um evento singular, que lutou contra uma das últimas fronteiras das missões mundiais - a qualidade do treinamento da força de missões contemporânea. Em julho de 1989, cerca de 60 líderes missionários de 24 países se encontraram em Quezon City, Metro Manila, Filipinas, para discutir, na *Consulta de Manila sobre Treinamento Missionário*, um dos mais importantes temas da atual iniciativa missionária.

Estes 60 homens e mulheres estiveram envolvidos em quatro dias de trabalho duro, enfatizando a grande necessidade de treinamento missionário efetivo, particularmente no Terceiro Mundo, mas também avaliando a formação educacional para missões na Europa e na América do Norte. Eles avaliaram a apresentação de oito diferentes modelos de preparo, do Quênia, da Nigéria, do Brasil, da Índia, de Cingapura, da Coreia, dos Estados Unidos e do Reino Unido. Todos concordaram que o treinamento missionário deve ser priorizado como algo imperativo, não uma mera opção. Mas que tipo de treinamento? Quem deveria fazê-lo? Como deveria ser feito? Quem financiaria? Estas e muitas outras questões ressoaram através das discussões, às vezes aquecidas por profundas convicções, sempre caracterizadas por respeito mútuo. Foi uma formidável experiência de crescimento.

Este volume, revisado e adaptado, vem de um encontro histórico que uniu coração e mente, zelo missionário e paixão missionária, evangelismo e preparo, teologia e missiologia. Os escritores demonstram extraordinário talento e experiência ministerial em missões: evangelista, implantador de igrejas, escritor, professor, médico, executivo de missões, pastor, preparador missionário. Os escritores são provenientes de várias partes do mundo (ou já trabalharam nesses lugares): Argentina, Brasil, Guatemala, Índia, Bangladesh, Estados Unidos, Taiwan, Coréia, Nigéria, Portugal, Inglaterra.

O livro é dividido em quatro seções. A primeira, **O Contexto do Treinamento Missionário**, apresenta o pano de fundo do nosso assunto, com as perspectivas apropriadas. De particular importância é o panorama geral de Larry Pate, documentando o espantoso crescimento das missões do Terceiro Mundo e, concomitantemente, realçando a necessidade de um melhor treinamento. A segunda, **Modelos de Treinamento Missionário**, mostra diversas maneiras através das quais obreiros transculturais estão sendo preparados hoje. A maior parte desses modelos será nova para o leitor, e isso realça um ponto forte do livro. Estamos entusiasmados por vermos modelos emergentes na África, Ásia e América Latina darem suas próprias contribuições criativas ao treinamento.

A terceira seção, **Considerações Educacionais Decisivas**, esforça-se por resolver temas primordiais aplicáveis aos ministérios de treinamento internacionalizado. Os temas incluem cultura e estilos de aprendizado, contextualização e credenciamento, tipos de resultados desejados, bem como ensino efetivo e modelos de treinamento alternativos. Estes são capítulos sérios e dignos de crédito, mostrando uma análise cuidadosa, baseada em pesquisa pessoal recente. O livro fecha com um desafio para o desenvolvimento de redes efetivas, como nós que partilhamos metas de treinamento missionário, idéias conjuntas, informações e recursos para alcançar nossos objetivos comuns.

Você, o leitor, pode ser latino-americano, hispano-americano ou europeu. Pode ser um mobilizador para missões. Pode ser um pastor com um coração voltado para missões. Pode ser um missionário no campo. Pode ser um líder ou administrador de missões no campo ou em casa. Pode ser um professor ou preparador de novos missionários. Pode ser um escritor. Pode ser um jovem missionário novato ou um veterano nessa Causa Global. Pode ser um professor

Capacitando a Força Missionária Internacional

numa instituição teológica. Todos vocês estão lendo porque estão preocupados com o modo como treinamos missionários, e como deveriam ser treinados se pensarmos seriamente na maneira de fazer melhor o trabalho.

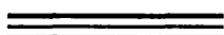
Há falhas no livro, e nossos leitores irão notá-las. "Onde estão os fundamentos bíblicos para o treinamento missionário? Como pode não haver nada sobre o modelo que eu prefiro? Por que eles não encontraram alguém para escrever sobre minha área de atuação no mundo? Não há nada sobre a mídia! Ou sobre assuntos específicos?" Perdoe-nos por deixarmos de tratar alguns tópicos, e mostre-nos como melhorar edições posteriores.

Devo registrar uma notícia grave. Um dos oradores na Consulta de Manila foi Roberto Al Hatch, missionário de carreira no Equador, viajante infatigável e sensível incentivador às missões na América Latina. Ele deveria ter escrito o capítulo "Modelos Hispano-americanos", uma adaptação de sua apresentação em Manila. Deus levou subitamente nosso querido amigo para o Lar, em dezembro de 1989, na cidade do México. Foi retirado em plena carreira por meio de uma falha cardíaca. Sua família de sangue, assim como sua família espiritual, sentem profundamente sua falta. O vazio que ele deixou na América Latina ainda não foi preenchido. Que Deus levante uma nova geração de expatriados e missionários latinos para se colocarem na brecha. Seu legado foi significativo e de longo alcance, e graças a Deus por seu servo fiel.

Concluindo, bom leitor, creio que você começará a sentir a batida do pulso desses escritores, homens e mulheres que relatam e tratam os temas, tanto com paixão quanto com clareza de mente. Todos são comprometidos com o preparo qualificado de servos de Deus transculturais. Que seu estudo deste volume o estimule a partilhar suas motivações. Que a próxima geração de missionários receba nosso ministério efetivamente treinado e frutífero.

William Taylor
Editor

PARTE 1.



**O CONTEXTO DO
TREINAMENTO
MISSIONÁRIO**

Introdução: Fixando o Cenário

William David Taylor

O treinamento transcultural cristão vem acontecendo a quase 2000 anos. Nosso Senhor Jesus passou três anos investindo em discipulado e treinamento de liderança da Companhia de Doze Amigos Comissionados. Exceto pela única "falha", Judas, Cristo deixou-nos um magnífico exemplo de desenvolvimento, capacitação e aconselhamento de novos obreiros-líderes vocacionados, com coração, conhecimento e habilidades para ministério reprodutivo. Ele nos deu padrões e princípios indestrutíveis, que podem ser seguidos. Mas o que muitos se esquecem é que nosso Senhor estava treinando seus servos para ministério transcultural reprodutivo. E claramente isso tornou-se uma de suas maiores lutas, como testemunhado no livro de Atos, quando o Espírito Santo precisou atuar de maneira impressionante para mover os apóstolos de seus preconceitos e padrões culturais.

Este volume necessita de um capítulo que aborde profundamente os modelos de treinamento transcultural do Novo Testamento e suas implicações para o nosso revolucionário ministério atual. Esse assunto terá que aguardar um livro futuro. Você, leitor, está encorajado a retornar às Escrituras para trabalhar não apenas os exemplos de preparo transcultural, mas os amplos princípios que podem ser

contextualizados em qualquer programa ou centro de treinamento. Mas as questões permanecem conosco, educadores e preparadores contemporâneos. Nosso ensino e treinamento tem alguma correlação com o método de Jesus? Podemos voltar e aprender e, assim, transformar nossas formas e estruturas de treinamento, bem como nossos modelos educacionais? Será que estamos tão trancados dentro dos sistemas já conhecidos que não podemos mudar? Parece ser esse o caso em muitas das escolas formais de treinamento missionário na Europa e América do Norte. E a resposta não é um restabelecimento de treinamentos missionários simplificados, por meio de programas de extensão. O modelo de extensão pode ser integrado à estrutura geral do preparo, mas não é a panacéia. E não podemos simplesmente e sinceramente retornar ao primeiro século; nós vivemos hoje, sob circunstâncias diferentes, tentando aplicar a Palavra de Deus ao nosso mundo. Mas será que somos destinados à contínua implementação de modelos de treinamento que dependem excessivamente de educação formal? Graças a Deus que este livro demonstra formas de treinamento criativas, com várias outras não mencionadas aqui, que felizmente tentam preparar e capacitar obreiros-líderes transculturais de maneiras mais efetivas.

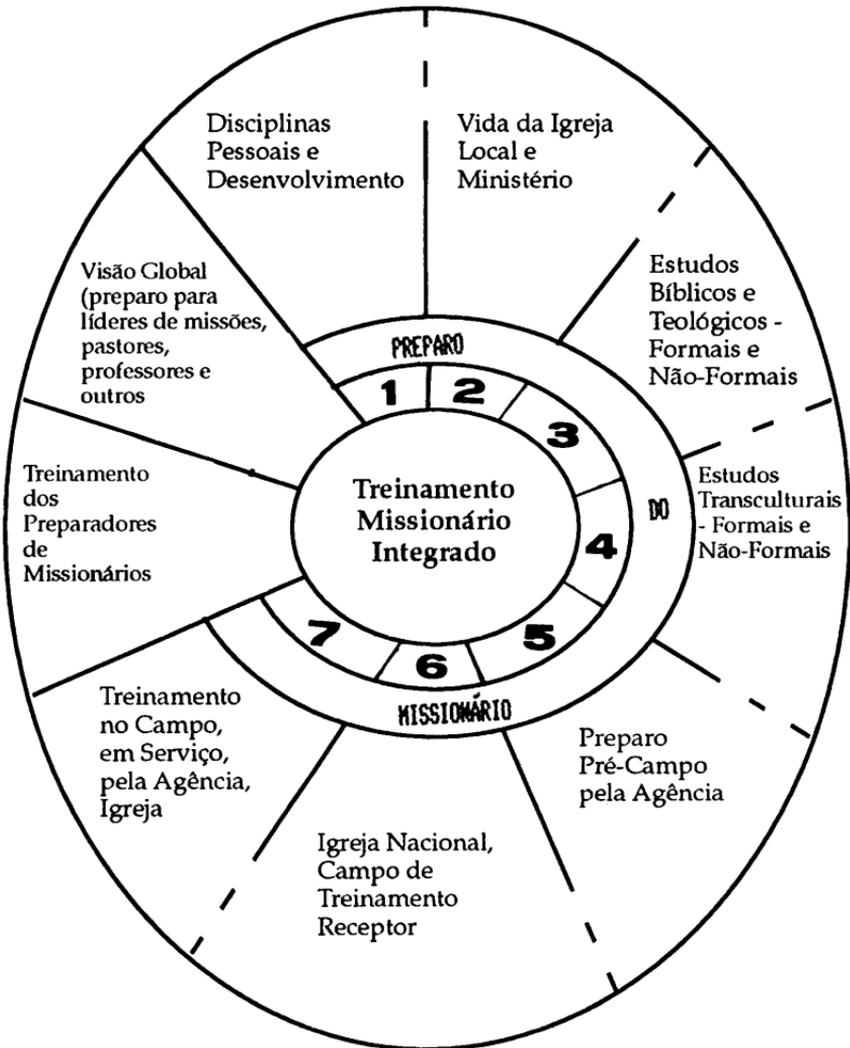
Neste capítulo introdutório, gostaria de desenvolver uma visão geral do espectro do treinamento missionário. Então concluo fazendo perguntas-chave para provocar um pensamento reflexivo.

1. UM RESUMO GERAL DO TREINAMENTO MISSIONÁRIO

Note que o conceito central é denominado "Treinamento Missionário Integrado". Com isso queremos dizer que os elementos distintos do quadro geral devem estar juntos para que o treinamento seja efetivo. É também um espectro com sobreposição de dimensões intencional. Para que haja um preparo eficiente, o candidato a missionário deve passar por um processo de sete passos, que inclui:

- 1.1 Disciplinas pessoais
- 1.2 Igreja local
- 1.3 Estudos bíblicos e teológicos - formais e não-formais
- 1.4 Estudos transculturais - formais e não-formais
- 1.5 Preparo pré-campo, pela agência
- 1.6 Igreja nacional ou campo de treinamento receptor
- 1.7 Treinamento no campo e em serviço

UM ESPECTRO DO TREINAMENTO MISSIONÁRIO



(William D. Taylor, WEF Missions Commission. Não deve ser reproduzido sem permissão prévia).

Capacitando a Força Missionária Internacional

Vejamos cada tópico separadamente.

1.1 A vida pessoal no treinamento missionário deve começar nas disciplinas espirituais de oração, meditação, jejum, estudo bíblico pessoal, serviço, batalha espiritual. Parece que a igreja na Ásia e na África tem desenvolvido mais seriamente essas disciplinas profundas. Como filhos de um mundo ativista, secular e moderno, é difícil aprendermos a estar quietos na presença de Deus. Mas todos nós precisamos aprender isso. Uma vida pessoal disciplinada deve produzir traços de caráter que dão à pessoa a capacidade de lidar com uma situação difícil e terminar bem; em oposição ao sistema de valores e à fraqueza de caráter contemporâneos, que tão facilmente procuram o caminho de menor resistência no ministério. O aspecto pessoal enfoca o sistema de valores e os objetivos do indivíduo, o estilo de vida interior, bem como o estilo de vida visível. É necessário que haja um compromisso com a santidade, acima da felicidade, como A. W. Tozer desenvolve tão bem em "A Procura de Deus".

Muitas vezes o treinamento missionário assume que esses elementos fundamentais já existem no candidato ou estudante. O tempo, infelizmente, traz evidências de que algumas vezes nós, missionários, falhamos ao supormos muito. E muitos preparadores não têm sido abertos para mostrar sua vida interior para seus jovens discípulos. Mas o que se pode esperar de uma grande escola de missões de produção em massa, onde o objetivo é preencher os requisitos acadêmicos para obter o título? Onde essas dimensões internas são ensinadas, modeladas e avaliadas na vida do preparador e do candidato? Que tipo de programa nós necessitamos para assegurar que estamos tratando dessas verdades? Enquanto você lê sobre os diferentes modelos de treinamento missionário, pergunte a si mesmo em quais centros essa vida interior pode ser melhor desenvolvida.

2.2 A igreja local saudável tem um papel de importância fundamental no preparo de futuros missionários. Infelizmente, muitos missionários hoje vêm de igrejas fracas e enfermas; e alguns candidatos desejam trabalhar como missionários sem nenhuma experiência real numa igreja local! Os sinais específicos de uma igreja local saudável irão variar de cultura para cultura, mas todas devem revelar dinâmicas de: oração e adoração; liderança sensível, que trabalha e influencia; instrução séria da verdade bíblica aplicada; preparo contínuo do Corpo de Cristo; modelação, por parte da

liderança, do estilo de vida cristão que desejam que os fiéis demonstrem; preparo dos cristãos para testemunhar a respeito de Cristo em seu mundo secular e influenciado por demônios e, então, discipular novos cristãos; ensino do conceito bíblico de vocação; ensino constante de uma perspectiva de vida cristã mundial; oportunidade para que a igreja demonstre sua interdependência com cristãos de outras igrejas espalhadas pelo mundo.

Mas a igreja local deve ser também uma igreja que mobiliza, que envia missionários, que dá suporte e que encoraja o desenvolvimento de novas lideranças, bem como de ministérios transculturais. Deve ser uma igreja que avalia indivíduos vocacionados, dá a eles espaço e tempo para exercitar seus dons, incluindo o direito de falhar e tentar novamente. Somente uma pessoa vocacionada deve ser encorajada a mover-se na direção de esferas de ministério mais amplas. Uma das maiores tragédias que já vi no campo missionário é o indivíduo que recebeu treinamento teológico formal, mas para todas as questões funcionais não tem talento e nunca teve nenhum ministério prático antes de ir para o campo estrangeiro. Esses casos invariavelmente demonstram que os processos de seleção de candidatos falharam, quando não avaliaram a experiência de ministério dos, então, futuros missionários. O preço de tais casos é terrivelmente alto para todos os envolvidos, porque tende a produzir devastação espiritual e frustração emocional. A igreja local deve ser o primeiro nível de teste para aquela mistura singular de serviço ligado à liderança. E cada cultura terá sua própria mistura particular dos dois. Quanto menor a escola e maior a heterogeneidade do corpo estudantil, mais difícil será classificar significados pessoais de serviço e liderança. Mas ao mesmo tempo, essa experiência educacional ensinará ao candidato essas virtudes num contexto transcultural.

A igreja local deve desenvolver o conceito de trabalho em equipe, tão necessário em nosso mundo individualista, de realização particular, egoísmo e narcisismo. A maioria dos missionários terá que trabalhar em equipes transculturais, um desafio ainda mais difícil. A igreja local de origem, saudável, dará ao missionário uma forte perspectiva estratégica, a partir da qual poderá avaliar igrejas no "campo". Ao mesmo tempo, ele ou ela deve evitar a tendência de reproduzir novas igrejas baseadas no modelo "de casa".

Não há substitutos para uma experiência forte e positiva na igreja de origem; o vínculo firme com o povo de Deus que irá enviar

Capacitando a Força Missionária Internacional

o novo missionário, dando suporte, com amor, oração e investimento financeiro. Esse tipo de igreja irá enviar, dar suporte, receber em amor quando chegarem as férias, renovar e restaurar as forças e, então, enviar novamente.

A igreja local pode e deve desenvolver um programa de treinamento para seus futuros candidatos a missionários, envolvendo-os em ministério de avaliação, testando e encorajando seus dons, estimulando a piedade. Graças a Deus porque muitas igrejas em diferentes países já estão fazendo algo assim. Entretanto, a igreja local sozinha não é um substituto aos dois estágios seguintes do treinamento missionário. E uma igreja pode ter um conceito demasiadamente elevado de si mesma, ao assumir que é capaz de, em seu próprio contexto, lidar com todo o preparo para um ministério transcultural efetivo. Tal igreja pode contribuir para que ocorram sérios problemas com os candidatos.

2.3 Estudos Bíblicos e Teológicos Formais e Não-formais

2.4 Estudos Transculturais Formais e Não-formais.

Essas duas categorias formam um elemento integral no processo de treinamento. Alguns podem questionar por que eles aparecem separados um do outro no diagrama, enquanto estão unidos neste texto. Existem razões para separá-los com propósitos de discussão, mas em muitos casos eles são integrados no mesmo programa educacional. Este é o caso na maioria dos programas norte-americanos e em alguns asiáticos. Porém, temos visto surgir mais e mais no Terceiro Mundo um modelo de treinamento missionário diferente. Este assume ou requer que o candidato venha com treinamento bíblico e teológico prévio. Dessa maneira, o centro transcultural, num programa de um a dois anos, não tem que se preocupar em oferecer o conteúdo pesado, que deveria ser a tarefa das escolas bíblicas e seminários. Há pontos positivos e negativos em ambas as alternativas. Algumas escolas, tais como as faculdades bíblicas da Austrália, começaram apenas com o estudo de missões, mas foram forçadas, pelas realidades da igreja e dos estudantes, a desenvolver mais e mais cursos e programas bíblicos e teológicos.

As organizações de missões denominacionais às vezes preferem a integração desses dois aspectos da preparação em suas escolas. A faculdade bíblica ou seminário dá ao estudante o treinamento teológico requerido do futuro missionário; e os líderes de igrejas não têm que se preocupar em "perder" um candidato fundamental para outra denominação ou agência. O candidato já vem com uma

formação teológica particular, que a escola de treinamento missionário respeita como parte da vida em comunidade. Enquanto você lê cada modelo, repare quais possuem esse pré-requisito e quais integram os dois no fluxo de treinamento.

Os programas formais são os mais conhecidos no mundo. Eles são muito mais estruturados, em grande parte orientados para salas de aula e palestras, apresentam classificação progressiva, são fundamentalmente teóricos, trabalhando com a vontade e a mente, tendem a mover-se em direção a um certificado ou grau, se interessam por padrões de excelência e credenciamento. Seus pré-requisitos são objetivos e geralmente padronizados. O curso é estabelecido no modelo universitário, com tarefas e programas de teste de conhecimento.

A educação não-formal tende a enfatizar as atividades planejadas de estudo individual ou em grupo, mas não de sala de aula; a avaliação de viagens para o campo, aulas práticas e estágios dirigidos; o treinamento em serviço; o direcionamento para o aprendizado através da ação, no contexto; o envolvimento da diretoria e do corpo docente num papel de discipulado e aconselhamento; a graduação como resultado de experiência e competência ministerial, e não como consequência do cumprimento de cursos e programas. Essa dimensão requer direcionamento e supervisão por parte da liderança de treinamento, bem como uma avaliação final personalizada do candidato.

Enfoca-se ainda uma terceira faceta fundamental do processo de aprendizado: a educação informal. Esta tem lugar na dinâmica da comunidade de aprendizado. Tenho visto alguns excelentes exemplos dessas características escolares, como a Faculdade Cristã All Nations (All Nations Christian College - ANCC). Essa escola já tem causado impacto em outros centros na África e Ásia. Quando o Dr. Joshua Ogawa, missionário japonês com a OMF, foi primeiramente comissionado a estabelecer a base para o que mais tarde se tornaria o Instituto Asiático de Treinamento Transcultural (Asian Cross-Cultural Training Institute - ACTI), ele passou um período na ANCC, trabalhando e observando cuidadosamente esse modelo de treinamento. Mais tarde, como fundador do ACTI, ele adaptou alguns desses pontos fortes à Ásia. Vários outros centros de treinamento do Terceiro Mundo aprenderam muito a partir da combinação sensível de educação formal, não-formal e informal da ANCC.

Essa dimensão de aprendizado informal encoraja a aquisição e o desenvolvimento de atitudes positivas e abertas em relação a outras culturas, bem como proporciona meios para vivermos nosso cristianismo numa área multi-cultural. A vida em comunidade é fundamental; muitas escolas de treinamento requerem que seus professores residam no campus e proporcionam moradia para eles. O centro torna-se uma magnífica comunidade de aprendizado, com tensões e bênçãos.

Alguns preparadores atualmente criticam francamente a educação formal. Eles têm observado os pontos fracos do treinamento formal. Querem também evitar a exportação do modelo de preparo dominado pelo Ocidente. Com a oportunidade de criar algo novo no Terceiro Mundo, essa nova geração de preparadores está projetando o programa unicamente no sistema não-formal. Aqueles que preferem o treinamento formal suspeitam que o não-formal seja apenas uma capa para uma educação inferior. Eles acreditam que o treinamento não-formal simplesmente não pode suprir todas as necessidades. Também minimizam o papel da comunidade informal, ou dizem que ela não é prática. Isso é lamentável.

Minha convicção pessoal é que precisamos casar educação formal, não-formal e informal. Isso pode ser feito criativamente, tanto em estudos bíblico-teológicos quanto em estudos transculturais. Integremos os pontos fortes das três ênfases, como a Doutora Lois McKinney argumenta tão bem em seu capítulo neste livro.

Estudos bíblicos e teológicos são categorias de ensino/aprendizado bem conhecidas, e eu não as detalharei aqui. Infelizmente muitos candidatos a missionários estudaram missões em seminários com pouca integração, e mesmo uma falsa dicotomia, entre as duas categorias. Muitos professores "regulares" não têm experiência transcultural e demonstram pouco interesse real no mundo missionário.

Qual deveria ser o conteúdo de um programa de treinamento missionário, considerando que os estudos bíblicos e teológicos básicos já foram completados? Do lado formal do espectro, incluiríamos, dentre outros: 1) Estudos bíblicos e teológicos das bases sobre missões no Velho e no Novo Testamento, crescimento de igrejas no Novo Testamento, hermenêutica e contextualização, batalha espiritual e encontro de poderes; 2) Estudos históricos sobre a expansão da igreja, a história das missões e áreas históricas regionais ou nacionais; 3) Estudos culturais, examinando contextualização,

comunicação transcultural, antropologia, sociologia e métodos de pesquisa; 4) Estudos especializados, dependendo das necessidades do candidato: lingüística, tradução da Bíblia e aprendizado de línguas; alcance de grupos de pessoas não-alcanceados; estudos urbanos; estudantes universitários; fazedores de tendas em países de acesso restrito; Islamismo e outras religiões do mundo.

Os aspectos planejados, mas não-formais, incluem: 1) Estudos em cursos práticos, como saúde, agricultura, criação de animais, mutirões de construção, educação de filhos de missionários, mecânica de motores e outros; 2) Discussões sobre a vida familiar de missionários e os relacionamentos marido/mulher em ambientes transculturais; 3) Uma série de viagens de campo orientadas, para estudar fenômenos culturais ou religiosos; uma prática mais séria, sob supervisão, em áreas urbanas, cidades e o setor rural, com a participação de cristãos e, ou, missionários locais porventura existentes. Um estágio final sério em serviço, seguido por uma sessão de relatório resumido com o corpo docente.

A dimensão informal se tornaria criativamente uma dinâmica central do processo ensino/aprendizado, no programa ou centro de treinamento missionário.

1.5 Preparo Pré-campo pela Agência. A grande maioria das agências de missões têm algum programa de orientação específico. Este pode ser chamado algo como "Escola do Candidato". Esse estágio do preparo é muito importante devido à distinção particular de cada agência e seu chamado dentro da Grande Empresa Missionária. Agências dedicadas à lingüística e à tradução da Bíblia têm um programa que muitas vezes requer estudos formais sérios. O ministério de missões no mundo muçulmano requer preparação especial. A PM Internacional, uma missão que envia latino-americanos ao mundo muçulmano, tem seu próprio programa de treinamento, com base na Espanha e na África do Norte.

Cada missão tem suas próprias declarações doutrinárias, seus princípios e práticas, seus padrões de serviço e comportamento, sua postura em relação a assuntos diversos, como o governo. Cada missão tem seu conceito sobre o papel da esposa, o cuidado da família do missionário e a educação das crianças. Essa categoria de preparo pré-campo pode ser feita no país de envio, num local internacional ou mesmo no próprio campo para o qual o missionário está sendo enviado. Quanto mais próximo for esse treinamento do ministério final, mais efetivo ele será.

E as agências muito pequenas, ou as igrejas locais de envio que não têm esse tipo de preparo? A menos que façam uma preparação séria nessa categoria, correm o risco de trair a confiança de seus missionários. Não há substitutos para algum tipo de responsabilidade em campo, para orientação em campo e para direção de liderança sobre expectativas e ministério futuro. Algumas agências ou igrejas pequenas se ligaram a missões internacionais mais estabelecidas e cederam seu pessoal para trabalhar com elas. Eu conheço alguns missionários asiáticos, por exemplo, que estão trabalhando com a SIM Int. na América Latina ou África.

1.6 Igreja Nacional ou Campo de Treinamento Recebedor. Foi Theodore Williams quem primeiro me desafiou com essa idéia, e isso funciona onde a igreja nacional tem uma presença estabelecida. Nessa categoria, um novo missionário continua o processo de treinamento, mas "no local", preferivelmente liderado por cristãos nacionais que respondam a suas necessidades e agenda. Certamente a agência de envio tem um papel-chave aqui também. Provavelmente essa dimensão está completamente comprometida com os aspectos não-formais e informais do processo de ensino/aprendizado. Alguns ministérios já estão desenvolvendo esse tipo de treinamento.

1.7 Treinamento no Campo e em Serviço. Infelizmente é aqui que muitas agências negligenciam seu pessoal. Às vezes isso é devido à informalidade da agência ou corpo de envio. Eles assumem enganosamente que colocar uma pessoa no campo, simplesmente, significa que seu trabalho está completo. Nada poderia estar tão longe da realidade! O pastoreamento, o estabelecimento de estratégias, a supervisão e a orientação em andamento no campo são imperativos para que haja um trabalho eficiente, de longa duração.

Ministérios mudam, lideranças mudam, liberdades políticas para o trabalho mudam, surgem novas necessidades e dons no campo, que podem requerer estudo adicional, e as necessidades na educação dos filhos e na família dos missionários irão mudar. A igreja de envio e, ou, agência de missões deve ser cuidadosa em servir seu pessoal, dando aconselhamento sábio, abrindo portas e oportunidades para ministérios diferentes. Isso evita a taxa de abandono do trabalho, que muitas vezes vem de um aconselhamento pobre, em casa ou no campo. A liderança de missões deve incluir líderes-pastores que saibam como ir de encontro a necessidades individuais e familiares. A igreja de envio e a agência missionária

sábria irão encorajar seu pessoal a aperfeiçoar seu treinamento para servir mais efetivamente.

2. TREINAMENTO DOS PREPARADORES E VISÃO GLOBAL DE MOBILIZAÇÃO

2.1 O Treinamento dos Preparadores

Quem ensina e prepara os novos missionários nos centros de treinamento missionário? De onde vem esse pessoal fundamental? Como eles próprios são preparados, particularmente aqueles na grande rede de escolas que está surgindo na África, na Ásia, no Oriente Médio, no Pacífico Sul, na América Latina e no Caribe? Não é isso um novo e emocionante capítulo se abrindo para alguns missionários veteranos, que foram em algum tempo preparados para servir de maneira transcultural? Será que eles poderiam deixar de oferecer sua experiência, seu ensino e seus dons de discipulado para o treinamento da nova geração de missionários do Terceiro Mundo?

A Aliança Evangélica Mundial (World Evangelical Fellowship - WEF) está tentando mobilizar uma força global de assistentes hábeis, que podem facilitar o fortalecimento e o desenvolvimento de centros de preparo. Muitos desses homens e mulheres são missionários expatriados veteranos, aceitos como membros do grupo, que conquistaram o direito de serem ouvidos. Outros são parte de uma nova liderança nacional, que tem desempenhado um papel-chave no desenvolvimento de programas de treinamento. Através dos auspícios regionais do COMIBAM, tem sido criada uma plataforma para implementar atividades e programas, com o objetivo de treinar os preparadores. Consultas, tanto em nível regional quanto nacional, têm reunido pessoas experientes com outras recentemente envolvidas em treinamento transcultural. Esperamos continuar a patrocinar, com o COMIBAM, treinamentos específicos em processos que podem ser aplicados diretamente para o fortalecimento e a avaliação da educação missionária.

Esse treinamento dos preparadores é uma preocupação primária da Comissão de Missões da WEF (World Evangelical Fellowship Missions Commission). Nossa Fraternidade Internacional de Treinamento Missionário (International Missionary Training Fellowship) está envolvida com essa necessidade. Nós criamos uma nova força chamada Associados Internacionais para Treinamento Missionário (International Missionary Training Associates), preparadores-

Capacitando a Força Missionária Internacional

chave que separam de três a seis semanas cada ano para prestar assistência a programas de treinamento na África, na Ásia, na América Latina, no Pacífico Sul, no Caribe e no Oriente Médio. Estamos produzindo um periódico, *Treinamento para Ministérios Transculturais*, e esperamos que, dentro em breve, traduções e adaptações desse boletim sejam produzidas em outras línguas. Desenvolvemos ainda um diretório global de centros de treinamento. Toda pessoa comprometida e envolvida no atual processo de treinamento deve examinar cuidadosamente o que significa pensar, aprender e capacitar, tanto bíblica quanto efetivamente.

2.2 Desenvolvimento de uma Visão Global.

Muito do que foi apresentado no parágrafo anterior se aplica também aqui. Mas nosso alvo (COMIBAM e Comissão de Missões da WEF) é mobilizar líderes de igrejas, atuais e futuros, para uma visão bíblica do mundo de missões. Procuramos envolvimento entusiástico na Iniciativa Global e a mobilização da Igreja para a evangelização mundial. Devemos chamar a atenção e motivar o espectro total de líderes cristãos; pastores e líderes de denominações ou da igreja local, instituições teológicas, escolas e faculdades cristãs, educadores, pesquisadores e escritores, peritos em assistência social e desenvolvimento, promovedores de literatura e mídia, comunidades evangélicas nacionais e regionais. À medida em que essas pessoas se conscientizarem da enorme tarefa diante delas, verão claramente a necessidade imperativa de um treinamento missionário efetivo.

3. ALGUMAS QUESTÕES ESTIMULANTES RELACIONADAS AO TREINAMENTO MISSIONÁRIO

Algum tempo atrás, eu lancei algumas das questões que devem ser consideradas no contexto do treinamento missionário, especialmente na medida em que internacionalizamos nossa perspectiva. Leia-as e deixe que retornem à sua mente enquanto trabalha neste livro. Este volume obviamente irá levantar muitos questionamentos, mas espera-se que também solucione alguns. Algumas dessas perguntas são relacionadas a um processo, mas de maneira nenhuma são exercícios acadêmicos apenas.

As Questões

1. O que quer dizer treinamento missionário para nós?
2. Quem estamos treinando?
3. Por que estamos treinando?
4. Como estamos treinando?
5. Quem faz o treinamento?
6. Onde deveria acontecer o treinamento: na nação de envio, na nação recebedora, em alguma outra nação?
7. Qual é o currículo para um treinamento efetivo?
8. Qual a relação entre educação formal, não-formal e informal?
9. Qual a duração de um treinamento eficiente?
10. O que é treinamento bíblico e teológico formal e relacionado ao treinamento missionário?
11. Como podemos evitar que haja apenas treinamento teórico ou apenas treinamento prático?
12. Como a contextualização se aplica a esse treinamento?
13. Devemos ter credenciamento aqui?
14. Qual o lugar dos graus e certificados?
15. O que seriam contratos de competência nesse treinamento?
16. Qual é o nível acadêmico do treinamento?
17. Como os custos podem ser mantidos baixos no treinamento?
18. Qual a relação entre espiritualidade e treinamento?
19. Qual o papel de cursos práticos vocacionais?
20. Quem sustenta o treinamento missionário?
21. Pode haver cooperação interdenominacional aqui?
22. Como podemos garantir estabilidade institucional?
23. O que é um modelo administrativo de treinamento apropriado?
24. Qual deveria ser a língua de ensino?
25. Como o pessoal de ensino pode ser mantido atualizado no treinamento?
26. Como podemos compartilhar, cooperar e trabalhar em conjunto, local, nacional e internacionalmente?
27. Como podemos aprender com outros programas e contextos e, ao mesmo tempo, evitar reprodução servil ou modelos importados?
28. Que textos, audiovisuais e outros recursos podemos partilhar?
29. Que papel o espectro total de treinamento realmente representa em nossas igrejas que possuem visão missionária?

4. CONCLUSÃO

Nós Iremos Viajar Muito neste livro, e acredito que sua mente e seu coração ficarão tão dilatados quanto os meus têm estado quando ouço cada uma das perspectivas de nossos escritores. Você irá aprender a partir dos modelos e tentar resolver as questões. Há muitas perguntas e algumas respostas. Apresentamos diante de nós um futuro magnífico no treinamento missionário, mas precisamos agarrar a oportunidade hoje para os obreiros líderes transculturais de amanhã.

Dr. William D. Taylor é o Secretário Executivo da Comissão de Missões da Aliança Evangélica Mundial. Filho de missionários e nascido em Costa Rica, ele trabalhou como missionário junto a Missão América Central Internacional, no Seminário Teológico América Central, na Guatemala. Foi professor de missões no Trinity Evangelical Divinity School e tem dado cursos de missões em outros seminários dos Estados Unidos, Reino Unido e em países do Terceiro Mundo.

Manila e o Projeto Internacional de Treinamento Missionário: Relatório e Projeção

Raymond V. J. Windsor

Este compêndio revela a vitalidade espiritual e o fervor das missões da nova força missionária do Terceiro Mundo. Atualmente aumentando em cinco vezes a taxa de missões ocidentais, o Terceiro Mundo supre 30% da força missionária protestante mundial.

A questão decisiva que devemos examinar é: *Como podemos treinar, da melhor maneira essa nova força explosiva de missionários não-ocidentais para o ministério transcultural?*

1. O PAPEL DA COMISSÃO DE MISSÕES DA WEF

O surgimento de movimentos missionários nativos na Ásia, África e América Latina foi um dos principais fatores que, em 1977, moveram líderes da Aliança Evangélica Mundial (World Evangelical Fellowship - WEF) a lançarem uma Comissão de Missões da WEF (WEF Missions Commission).

Capacitando a Força Missionária Internacional

A Comissão procura promover uma cooperação entre agências de missões, tanto através do estabelecimento de redes informais, quanto da formação de associações de missões nacionais e regionais. Essas estruturas funcionam como braços missionários das estruturas relacionadas à WEF em seus países e regiões.

Nos dez primeiros anos, a liderança da Comissão de Missões era composta de pessoas não-ocidentais. O primeiro membro do corpo administrativo foi Chun Chae Ok, da Coreia do Sul. Ela foi sucedida por Theodore Williams, da Índia, sob cuja liderança foi estabelecida uma clara prioridade de encontrar missões emergentes. Williams viajou extensivamente pelo Terceiro Mundo, procurando fomentar a visão missionária das igrejas, pouco conscientes de que a grande comissão era um mandato missionário, tanto para as mesmas quanto para as igrejas ocidentais.

A Comissão de Missões da WEF tem sido um catalisador para conferências nacionais sobre missões em diferentes países, como Guatemala, Brasil, Nigéria e Cingapura. Esses países, por sua vez, têm ativado a atual corrida a congressos, tanto em nível regional quanto continental. O primeiro desses foi o COMIBAM (Congresso de Missões Ibero-Americano), realizado em 1987, em São Paulo, Brasil. A seguir ocorreu uma consulta missionária mundial no Pacífico Sul, em Fiji, em dezembro de 1989 e, em 1990, o Congresso de Missões da Ásia, em Seul, Coreia. Vários congressos africanos regionais têm sido também planejados.

Tudo isso tem posicionado a Comissão de Missões da WEF no centro de uma rede global de movimentos missionários atuais.

2. A CONSULTA DE MANILA SOBRE TREINAMENTO MISSIONÁRIO, JULHO DE 1989

Durante os seus dez primeiros anos, as conferências trienais da Comissão de Missões da WEF concentraram sua atenção em temas atuais, um dos quais foi sempre o treinamento. Em vista dos milhares de novos movimentos missionários, o treinamento tornou-se tema prioritário. Portanto, foi decidido que o *treinamento de missionários do Terceiro Mundo* seria o único item da agenda na conferência de 1989.

A Consulta de Manila, ocorrida um pouco antes do II Congresso de Lausanne de Evangelização Mundial, em Julho de 1989, foi um encontro histórico entre líderes de missões emergentes e educadores

Projeto Internacional de Treinamento Missionário

missionários do Ocidente. Esse encontro reuniu 70 líderes missionários de 24 nações.

A Consulta evidenciou os centros de treinamento missionário dos países do Terceiro Mundo, a maioria dos quais tornaram-se operacionais apenas durante os últimos cinco anos. Isso promoveu um fórum para debates, no qual os líderes desses centros podiam relatar seus métodos, seus sucessos, suas falhas e suas necessidades. Representantes da Nigéria, do Brasil, da Índia, de Cingapura e da Coreia apresentaram seus modelos de treinamento.

O papel de seus companheiros ocidentais mais experientes era o de respondentes aos documentos apresentados. Vários professores de missões comentaram que tinham aprendido idéias novas, que os ajudariam a promover um treinamento mais apropriado para os estudantes do Terceiro Mundo.

O intercâmbio de visão, de idéias criativas e de pesquisas atuais foi mutuamente estimulante; nigerianos reconheceram abordagens úteis empregadas no Brasil, e *vice versa*. À medida em que o campo de ação missionária de igrejas do Terceiro Mundo cresce, esse tipo de intercâmbio e planejamento conjunto torna-se imperativo.

3. COMPONENTES COMUNS DE CENTROS DE TREINAMENTO MISSIONÁRIO NÃO-OCIDENTAIS

Uma discussão na consulta de Manila levou a um consenso sobre os elementos mais importantes, requeridos em centros de preparação de missionários do Terceiro Mundo, para ministério transcultural.

A. Compromisso com a autoridade transcultural das Escrituras

Uma compreensão bíblica da natureza da missão de Deus para com a humanidade, confiança no poder do Evangelho para transformar culturas e dependência do Espírito Santo para guiar uma igreja, procurando estabelecer formas contextuais de vida da igreja e testemunho.

B. Crescimento em maturidade espiritual

Treinamento prático em discipulado, enfatizando elementos freqüentemente fracos em centros ocidentais; notavelmente as disciplinas interiores de meditação, atenção à voz de Deus, jejum e

Capacitando a Força Missionária Internacional

oração. A prática dessas disciplinas é fundamental, tanto para a sobrevivência quanto para a efetividade do ministério.

A preparação para o evangelismo transcultural no poder do Espírito Santo requer uma profunda compreensão do encontro de poderes e da vitória de Jesus sobre todos os principados e potestades.

C. Aprendizado no contexto de uma comunidade cristã multi-cultural

Jonathan Lewis, da Missões Mundiais (Misiones Mundiales), na Argentina, visa desenvolver um departamento de missões em um instituto bíblico e uma *comunidade de treinamento paralelo*. O programa acadêmico do instituto bíblico proverá a base teórica e acadêmica. Já o programa embasado na comunidade efetivará habilidades em evangelismo e discipulado, além de desenvolver relacionamentos de equipe, relacionamentos interpessoais e habilidades vocacionais, promovendo, dessa maneira, um local para candidatos a missionários “descobrirem-se uns aos outros”.

Similarmente, David Lee enfatiza a importância da vida e aprendizado em comunidade. Isso tem aperfeiçoado a preparação de muitos missionários coreanos, treinados em seminários que não promoveram estudos missiológicos nem treinamento prático em missões transculturais. É de grande importância que os instrutores e outras pessoas da administração sejam parte da comunidade e partilhem a dinâmica da situação de treinamento informal.

O modelo de Cingapura, relatado por Titus Loong, enfatiza o valor da existência de culturas diversas na comunidade. Muitas pessoas (especialmente aquelas de culturas dominantes) são pouco cientes do que os outros consideram estranho em suas culturas. Problemas de relacionamento vêm à tona em várias situações do convívio diário, onde a dificuldade básica é a falta de sensibilidade cultural. É bom que isso seja exposto durante o treinamento e que seja, então, trabalhado.

D. Treinamento num contexto de Terceiro Mundo

Nos últimos 20 anos, as disciplinas de missiologia têm prosperado. Vários cursos acadêmicos bem elaborados são oferecidos por escolas de missões no Ocidente. Centenas de livros têm sido publicados. No entanto, esses materiais de treinamento têm sido desenvolvidos principalmente pela orientação do pensamento filosófico, teológico, econômico e social do Atlântico Norte. Estudantes cris-

Projeto Internacional de Treinamento Missionário

tãos que vão para a América do Norte, para estudar missiologia, descobrem, ao retornarem para sua terra natal, que precisam reformular seu treinamento ocidental em função de seu ambiente não-ocidental.

Os cursos precisam ser ajustados aos níveis educacionais dos candidatos a missionários, e os métodos de ensino têm que levar em consideração a maneira como grupos particulares de pessoas pensam e aprendem.

E. Uma mistura de educação formal, não-formal e informal

O aprendizado em comunidade, como descrito acima, proporciona a melhor forma de educação informal. O ensino formal em salas de aula deveria ser elaborado em torno da educação não-formal, em módulos de ação/reflexão, que proporcionam uma experiência prática de campo, como, por exemplo, as viagens de treinamento de campo, que constituem uma valorosa característica de vários dos novos centros de treinamento.

Há uma preferência pela abordagem modular de aprendizagem, especialmente a de “saturação de módulos”, como usada no WEC Centro de Treinamento em Bulstrode, na Inglaterra. Um curso para “Alcance de Muçulmanos”, por exemplo, propiciaria uma exposição a comunidades de imigrantes muçulmanos, com evangelismo pessoal em suas casas, visitas a mesquitas e coisas do gênero, seguidas por reflexão e leituras pessoais, suplementadas por seminários fundamentados nas experiências práticas.

Note que existe uma concentração num determinado assunto de cada vez. Nenhum outro tópico é ensinado concomitantemente. Compare esse procedimento ao padrão típico de conferências do Ocidente, com 10-15 assuntos diferentes cada semana, onde a amplitude de tópicos torna extremamente difícil ler ou pensar com profundidade sobre mais de um ou dois assuntos.

F. Libertação das estruturas de avaliação acadêmica Ocidentais

David Harley descreve como os exames tradicionais têm sido substituídos, na Faculdade Cristã All Nations (All Nations Christian College), na Inglaterra, por uma avaliação ampla, através de entrevistas com estudantes regulares e aconselhamento por um professor. A faculdade vê a abordagem tradicional de exame, uma pedra angular da educação britânica, como um fator limitante para a

Capacitando a Força Missionária Internacional

flexibilidade dos cursos. Todos os estudantes têm que empreender um currículo prescrito, tendo em mente os exames, e os cursos não podem, assim, adequar-se a necessidades pessoais.

G. Treinamento especializado para diferentes padrões de ministério transcultural

(a) Servindo como um membro de uma equipe internacional

É necessário dar uma atenção especial ao ensino de habilidades de relacionamento para o serviço em equipes internacionais. As demandas de parceria com missionários ocidentais são prontamente compreendidas; mas e o trabalho com pessoas de culturas mais similares? Será que coreanos acharão fácil trabalhar com japoneses? Nigerianos com pessoas do Quênia? Missões ocidentais têm verificado que os problemas de relacionamento mais profundos acontecem entre companheiros de trabalho, não com as pessoas que estão sendo evangelizadas. Experiências anteriores sugerem que os missionários do Terceiro Mundo não ficarão imunes a esse problema!

(b) Uma abordagem holística da implantação de igrejas

As intenções “civilizadoras” dos poderes coloniais levaram ao desenvolvimento de missões ocidentais que, paralelamente à expansão colonial, estabeleceram instituições que promoviam educação, cuidados com a saúde e outros serviços sociais. Muitos programas, que eram considerados linha-de-frente para o evangelho naqueles dias, têm se tornado, desde então, uma pedra de tropeço para igrejas nacionais. Sob a liderança de nativos, e frequentemente de pessoas não-cristãs, muitas dessas instituições têm um testemunho bastante negativo hoje em dia.

Na fase emergente das missões não-ocidentais, tem havido uma forte determinação para concentrar os esforços em evangelismo e para ficar fora de ministérios em serviços sociais. Entretanto, em vista do fato de que os povos não-alcançados que se tem como alvo são pobres e sem poder, será surpreendente se não houver um crescente número de missionários não-ocidentais alcançando-os de uma maneira holística no futuro. O treinamento tem que suprir essa categoria, assim como a dos implantadores de igrejas.

(c) Fazedores de tendas bivocacionados

Já existe um grande número de obreiros internacionais do Terceiro Mundo que produzem seu próprio sustento. Assim como os fazedores de tenda do Ocidente, poucos foram treinados para missões transculturais. Eles vão em frente, assim que seu contrato

é concluído, e podem não perceber sua falta de preparo até que estejam em choque cultural!

A afirmação de que missionários não-ocidentais serão mais bem recebidos que os ocidentais pode não ser confirmada, quando se trata da obtenção de vistos para atividades missionárias evangélicas tradicionais. Pode haver um rápido crescimento no número de obreiros bivocacionados do Terceiro Mundo nos próximos cinco anos.

O IMTP planeja promover uma conscientização, em igrejas, sociedades de missões e nos próprios fazedores de tendas, da necessidade de treinamento anterior à experiência no campo de trabalho. Planeja também desenvolver módulos de treinamento para aqueles que já estão trabalhando no campo, reunindo grupos em centros regionais adequados para cursos rápidos, durante períodos de férias e entre um trabalho e outro.

4. PROJETO DE TREINAMENTO MISSIONÁRIO INTERNACIONAL

A Comissão de Missões da WEF lançou um esquema abrangente chamado Projeto de Treinamento Missionário Internacional, aqui citado como IMTP (International Missionary Training Project). Seu principal objetivo é tratar as necessidades gritantes de um treinamento em missões transculturais no Terceiro Mundo, de acordo com os componentes comuns acima destacados.

As metas do projeto são as seguintes:

A. Promover uma conscientização entre pastores, outros líderes cristãos e instituições educacionais.

Os pastores das igrejas constituem o maior bloqueio ao despertar de uma consciência missionária nas igrejas ocidentais. No treinamento para o ministério pastoral, poucos estudaram religiões do mundo, história de missões, antropologia missionária e outras disciplinas a respeito do que vem a ser o termo “missiologia”. A mesma lacuna é evidente nos currículos de seminários e escolas bíblicas não-ocidentais.

O IMTP planeja encorajar seminários teológicos do Terceiro Mundo a introduzir ou expandir estudos sobre missões transculturais como temas centrais obrigatórios.

Capacitando a Força Missionária Internacional

B. Auxiliar o treinamento de educadores de missões e preparadores de missionários

O IMTP faz distinção entre duas categorias: aqueles que ensinam missões em seminários ou faculdades bíblicas (educadores de missões); e aqueles que preparam candidatos a missionários (preparadores de missionários). Os educadores obtêm treinamento a partir de estudos no Ocidente. Já os preparadores realçam suas habilidades através de atividades e seminários práticos. Sua necessidade primária é uma experiência transcultural prática em primeira mão. Um estudo acadêmico num meio ocidental não os torna bons preparadores.

Em 1987, visitei dois seminários num país da Ásia, onde novos departamentos de missões estavam sendo estabelecidos por alguns recém-graduados de um Seminário norte-americano. Aqueles talentosos graduados estavam bem preparados como educadores, não preparadores. Ambos expressaram um senso de inadequação, por não possuírem experiência pessoal como missionários.

Os planos do IMTP são:

(a) *Gerar fundos para bolsas de estudo para educadores de missões*

O IMTP administrará o fundo para bolsas de estudo, já estabelecido pela Comissão de Missões da WEF. Não existe nenhum outro programa de bolsas de estudo que atenda às necessidades de uma educação contínua para educadores de missões no Terceiro Mundo.

Será dada prioridade, na utilização do fundo, para estudos no contexto do Terceiro Mundo, mas apenas alguns poucos selecionados receberão sustento para estudar na Europa ou América do Norte.

O Centro Oxford para Estudos de Missões (The Oxford Centre for Mission Studies), na Inglaterra, proporciona um programa de estudos em nível de pós-graduação, no qual a maior parte das leituras e pesquisas necessárias é feita no país de origem. A permanência na Universidade de Oxford é requerida por apenas algumas semanas a cada ano. Isso é muito menos dispendioso para os estudantes e também evita a tendência de abordar o estudo por uma perspectiva ocidental. A importância para a igreja e para os movimentos missionários no país de origem do estudante é óbvia.

Ralph Winter comentou certa vez comigo que o Centro para Missões Mundiais nos Estados Unidos está, similarmente, movendo-se no sentido de mandar instrutores especialistas em viagens de

Projeto Internacional de Treinamento Missionário

ensino no exterior e de reduzir a necessidade de enviar estudantes estrangeiros para os Estados Unidos.

(b) Proporcionar oficinas em nível regional ou nacional para preparadores de missionários

As oficinas considerarão programas de treinamento atuais, currículo e os recursos materiais que estão sendo usados. Haverá oportunidade para discussões em pequenos grupos, assim como um tempo amplo para interação informal, com o objetivo de estabelecer relacionamentos e desenvolver grupos inter-relacionados.

Serão levadas em consideração as aspirações das igrejas locais e agências de missões, para assegurar que os centros de treinamento estejam satisfazendo suas necessidades e para promover uma parceria mais intensa entre as mesmas. A necessidade de centros de treinamento regionais será constantemente examinada. Para evitar a duplicação dos custos com viagens, as oficinas serão, sempre que possível, realizadas em conjunto com conferências missionárias regionais ou nacionais, como, por exemplo, durante o Congresso de Missões da Ásia (Asia Missions Congress), em Agosto de 1990.

(c) Proporcionar cooperação e intercâmbio entre os centros

Visitas de consultores e professores missionários promoverão assistência local, para estabelecer e aperfeiçoar centros de treinamento missionário ou departamentos de missões mundiais.

O intercâmbio de professores e tutores entre centros de treinamento ocidentais e não-ocidentais será mutuamente benéfico.

C. Auxiliar no desenvolvimento de currículo e metodologias educacionais

Os preparadores de missionários no Terceiro Mundo têm poucos modelos de currículo culturalmente relevantes para si próprios ou para seus alunos. Eles estão descobrindo que não podem simplesmente transferir modelos de educação ocidentais para as salas de aula não-ocidentais, devido às diferenças na maneira de pensar e aprender.

Numa visita recente a um centro de treinamento missionário africano, fui assistir a uma aula formal numa sala de aula. O professor escreveu suas anotações no quadro negro e os estudantes copiaram palavra por palavra - com grande dificuldade. Os conceitos e o vocabulário eram parte de um esboço que o próprio professor tinha copiado numa aula de antropologia, numa escola ocidental de prestígio. Sabendo quanto tempo os estudantes ocidentais levam

Capacitando a Força Missionária Internacional

para dominar esse vocabulário e conceitos, suponho que aqueles estudantes africanos estavam perplexos aquela manhã e aprenderam muito pouco.

Isso realça um problema muito importante: como transferir tais idéias, valorosas na comunicação do evangelho, de maneira que possam ser aplicadas por missionários não-ocidentais?

O IMTP planeja auxiliar preparadores de missionários a tornarem-se aptos a transferir seu conhecimento adquirido, de maneiras que capacitem o estudante a aplicar o conhecimento em ministérios práticos.

D. Auxiliar a estabelecer uma organização apropriada para credenciamento

O IMTP planeja facilitar o estabelecimento de uma agência de atribuição de crédito, com parâmetros bastante distintos do modelo ocidental. A filosofia básica é que o principal objetivo do treinamento não é a aquisição de um título acadêmico, mas a capacitação para ministrar de maneira eficaz numa situação transcultural. O credenciamento refletirá essa ênfase. O que deverá ser avaliado é a efetividade no ministério transcultural dos missionários em treinamento, não suas realizações acadêmicas.

E. Facilitar a publicação de materiais de treinamento

O IMTP já publicou um Diretório Mundial de Pesquisas em Missões e Centros de Informação (World Directory of Missions Research and Information Centres); e está em meio a um processo de publicação de uma bibliografia anotada de textos de ensino, disponíveis para centros de treinamento em missões. Será colocado à disposição um fundo para tradução de material para missões - como, por exemplo, a preparação de versões em espanhol e português deste compêndio.

F. Desenvolver uma comunhão global entre preparadores de missionários

As pessoas presentes na Consulta de Manila decidiram organizar-se numa Fraternidade Internacional de Treinamento Missionário (International Missionary Training Fellowship) - uma rede global de centros e indivíduos, comprometidos com o treinamento de missionários transculturais do Terceiro Mundo.

O IMTP publicou uma Lista de Centros de Treinamento Mis-

Projeto Internacional de Treinamento Missionário

sionário (Directory of Missionary Training Centres) em 1990, e centros que desejem ser incluídos em edições subseqüentes devem escrever, sem demora, para o autor, via a Comissão de Missões da WEF.

Indivíduos envolvidos em treinamento missionário, que não trabalham em nenhum dos centros listados, são também encorajados a se juntarem a essa rede de comunidades e devem enviar seus dados biográficos ao autor. Seus nomes serão colocados na lista de correspondência do boletim informativo trimestral e de outros intercâmbios de informações que o IMTP distribuirá.

O Dr. Raymond V.J. Windsor, OBE, FRCSEd, FRACS, é um membro do corpo administrativo da Comissão de Missões e o Coordenador do IMTP. Cirurgião cardio-torácico, ele trabalhou na Índia durante 20 anos, os últimos 12 como Diretor Geral do BMMF Internacional. Continuando seu trabalho na Ásia, ele serviu primeiro como Reitor na Faculdade Cristã All Nations (All Nations Christian College), no Reino Unido, e depois como Diretor Executivo da Aliança Missionária Evangélica da Nova Zelândia (New Zealand Evangelical Missionary Alliance).

O Treinamento Missionário é Necessário para Obreiros do Terceiro Mundo?

Theodore Williams

Eu estava falando numa Convenção sobre Vida Espiritual, organizada para recém-convertidos, num de nossos campos missionários. Todo o programa foi conduzido como numa de nossas convenções no Sul da Índia. Havia pouca adaptação ou sensibilidade cultural em toda a reunião. O missionário encarregado falou a língua do Norte da Índia, com um forte sotaque do Sul da Índia. Um dos habitantes do lugar, que participava do encontro, disse, “Eu não consigo entender o que ele está falando. Eu não falo Malayalam (língua falada no sudoeste da Índia)!” O missionário era graduado numa conhecida faculdade bíblica e era muito dedicado e sincero. Mas não se empenhou como deveria em aprender a língua ou entender a cultura daquele povo.

Um outro casal começou seu trabalho num grupo tribal não-alcançado. Eles amavam a língua daquele povo e começaram a estudá-la imediatamente. Estudaram também sua cultura e começa-

Capacitando a Força Missionária Internacional

ram a identificar-se com o povo. Dessa maneira foram bem aceitos e as pessoas começaram a corresponder à sua mensagem.

Qual foi a diferença na abordagem da língua e cultura do povo? O segundo casal participou de um período de treinamento missionário, no qual eram enfatizados o aprendizado da língua e a antropologia cultural. Eles estudaram princípios de aprendizado da língua e lingüística, de maneira a poder falar a língua aprendida com a pronúncia do falante nativo. O treinamento faz diferença na eficiência do missionário.

No princípio, nossas missões indianas estavam ansiosas por enviar seus missionários aos povos não-alcançados imediatamente e, simplesmente, ir direto ao trabalho. Mas, através de experiências práticas, descobriram que os missionários precisavam de treinamento não apenas bíblico, mas também de uma compreensão melhor dos povos entre os quais estavam trabalhando. Assim, os programas de treinamento missionário foram iniciados numa escala simples. Eles eram orientados prática e espiritualmente. A ênfase estava no aprendizado da vida e do trabalho em conjunto, bem como no jejum, na oração e na guerra espiritual. Mais tarde, cursos de antropologia cultural, lingüística, comunicações transculturais e outros tópicos foram adicionados.

Cada missão desenvolveu um programa de treinamento, adequado a suas próprias características e filosofia. Sentiu-se a necessidade de um programa de treinamento comum, utilizando recursos externos, especialmente disponíveis no treinamento de tradutores da Bíblia. Assim, a Associação de Missões da Índia (India Missions Association) lançou o Instituto Indiano de Comunicações Transculturais (Indian Institute of Cross-Cultural Communications) em 1980. Esse programa é utilizado para treinar tradutores da Bíblia e pessoas que trabalham com alfabetização.

As missões coreanas envolveram-se em treinamento missionário de 1970 em diante. O Centro Leste-Oeste (The East-West Centre) e outros programas foram seguidos por missões individuais. Em 1985, durante a Conferência da Associação de Missões Evangélicas Nigerianas (Conference of the Nigerian Evangelical Missions Association) em Jos, foi realizada uma consulta sobre o treinamento missionário. Isso levou ao estabelecimento do Instituto de Treinamento Missionário Nigeriano (Nigerian Missionary Training Institute).

As missões do Terceiro Mundo estavam trazendo para o pro-

grama de treinamento missionário suas próprias ênfases distintas, a respeito de vida comunitária, guerra espiritual, estilo de vida simples e disciplinas espirituais.

1. A NECESSIDADE DE TREINAMENTO MISSIONÁRIO

O número de missionários do Terceiro Mundo está crescendo num ritmo bastante acelerado. Numa década, seu número irá exceder o de missionários ocidentais. Um senso de urgência em alcançar os povos ainda não-alcançados e em fazer a colheita caracteriza os esforços dessas missões. Assim, a necessidade de treinar esses missionários e apoiá-los, com sustento financeiro adequado e cuidado pastoral, é freqüentemente negligenciada. Como resultado dessa situação, muitos missionários desistem de continuar seu trabalho. O aprendizado da língua e a identificação cultural não são enfatizados como deveriam; e isso tem afetado a efetividade do missionário. No entanto, essa necessidade é agora reconhecida; e muitas missões do Terceiro Mundo têm lançado seus próprios programas. A maioria destes está ainda em seus primeiros estágios de desenvolvimento.

2. UMA VARIEDADE DE ABORDAGENS E PROGRAMAS

Como esses programas de treinamento missionário nasceram de uma necessidade real, são bastante práticos, apropriados para atender as necessidades locais. Isso resultou em novas idéias e numa variedade de abordagens e programas. Você poderá notar isso à medida em que estudar os modelos apresentados neste livro.

Embora o número de programas de treinamento missionário no Terceiro Mundo esteja se multiplicando, alguns destes não são conhecidos além de seus círculos limitados. Havia uma necessidade de localizá-los e saber o que estava sendo feito. Era também reconhecido que as missões podem aprender umas com as outras, quando sabem o que tem sido realizado dentro de cada uma.

As missões ocidentais têm se esforçado no treinamento de missionários há muitos anos. Existem princípios e métodos adotados por elas que podem ser de grande valor para as missões do Terceiro Mundo. Por outro lado, devido à sua própria experiência cultural, econômica e multi-religiosa, as missões do Terceiro Mundo

desenvolveram algumas idéias e métodos que podem ser valiosos para as missões ocidentais. Assim, havia uma necessidade de reunir essas missões para que pudessem compartilhar e aprender umas com as outras.

3. O PAPEL DA COMISSÃO DE MISSÕES DA WEF

O único órgão mundial em contato, em níveis populares, com missões nativas no Terceiro Mundo é a Comissão de Missões da Aliança Evangélica Mundial (World Evangelical Fellowship - WEF). Fizemos disso nosso alvo e trabalhamos nesse sentido desde quando a Comissão foi estabelecida. Através de viagens e contatos pessoais, foram feitos esforços para localizar missões do Terceiro Mundo e seus líderes. Essas missões eram encorajadas a se unirem em seu contexto nacional próprio para formar Associações de Missões. Sabíamos que isso iria ajudá-las a compartilhar experiências, idéias e recursos.

A Comissão de Missões da WEF tem também líderes de missões ocidentais e Associações de Missões entre seus associados. Dessa maneira, podem ser construídas pontes, unindo missões ocidentais e missões do Terceiro Mundo. Durante um certo tempo, a Comissão de Missões percebeu a necessidade de descobrir que tipos de programas de treinamento missionário existem no Ocidente e no Terceiro Mundo e, então, reunir as pessoas envolvidas nesses treinamentos num fórum comum, onde pudessem conversar umas com as outras. Havia também a necessidade de obter informações e recursos materiais úteis em programas de treinamento missionário. Tendo isso em vista, foi estabelecido pela Comissão o Grupo de Trabalho para o Treinamento Missionário (Task Force on Missionary Training).

Pela primeira vez na história de missões, foram reunidas, na Consulta de Manila (Consultation in Manila) de 1989, pessoas envolvidas em treinamento missionário no Ocidente e no Terceiro Mundo. Como resultado, foi estabelecida a Fraternidade Internacional de Treinamento Missionário (International Missionary Training Fellowship), que reúne pessoas engajadas nesse tipo de treinamento. Dessa maneira, agora temos um fórum onde pode haver intercâmbio de idéias, informações, dados, modelos e pessoal.

Ainda não aprendemos tudo o que há para ser aprendido sobre treinamento missionário. Assim, o futuro é estimulante, à medida

O Treinamento Missionário é necessário?

que procurarmos explorar, experimentar e aperfeiçoar diferentes maneiras de tornar nossos missionários mais eficientes, usando nossa própria experiência cultural, econômica e multi-religiosa. Fazer isso em conjunto, como missões ocidentais e do Terceiro Mundo, é ainda mais estimulante. Será nossa ocupação num futuro próximo, através do Grupo de Trabalho para o Treinamento Missionário.

O Dr. Theodore Williams, da Índia, foi um fundador da Missão Evangélica da Índia (India Evangelical Mission), onde trabalhou até 1990 como Secretário Geral e agora como seu presidente. Ele é atualmente o Diretor Administrativo da Associação de Missões da Índia (India Missions Association) e da Comissão de Missões da WEF, e Presidente da Aliança Evangélica Mundial (World Evangelical Fellowship). Este capítulo foi escrito para esta publicação.

O Impressionante Crescimento das Missões do Terceiro Mundo

Larry D. Pate

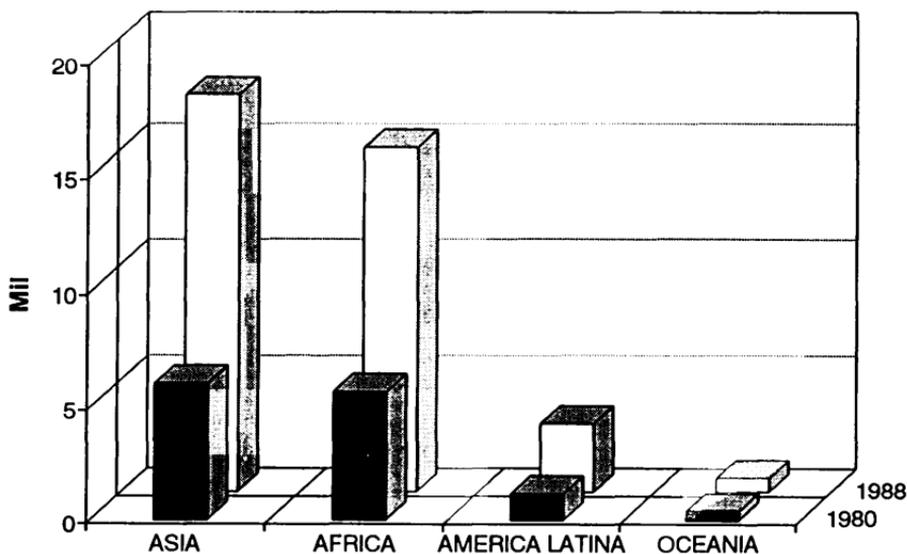
O movimento missionário na Ásia, África, América Latina e Oceania continua seu extraordinário crescimento. A primeira fase de uma pesquisa mundial sobre missões não-ocidentais, composta de duas partes, foi realizada pela "Bridging Peoples". Este é um relatório resumido dos resultados dessa pesquisa e uma breve análise da importância da informação para as missões mundiais.¹

Nossa pesquisa indica que, no final de 1988, existiam cerca de 35.924 missionários não-ocidentais servindo em 118 países, entre 2.450 grupos de pessoas. Isso representa quase 30% dos missionários protestantes no mundo! Não é mais correto chamar o movimento missionário não-ocidental de "emergente". Ele já emergiu.

Temos nos referido ao movimento missionário em países não-ocidentais como o movimento missionário do Terceiro Mundo. Os países da América Latina, África, Ásia e Oceania compreendem aproximadamente dois terços da massa de terra habitada do planeta e mesmo uma maior percentagem da população mundial.

Figura A-1

**Estimativa dos Missionários
(do Terceiro Mundo)**



Agências de Missões do Terceiro Mundo

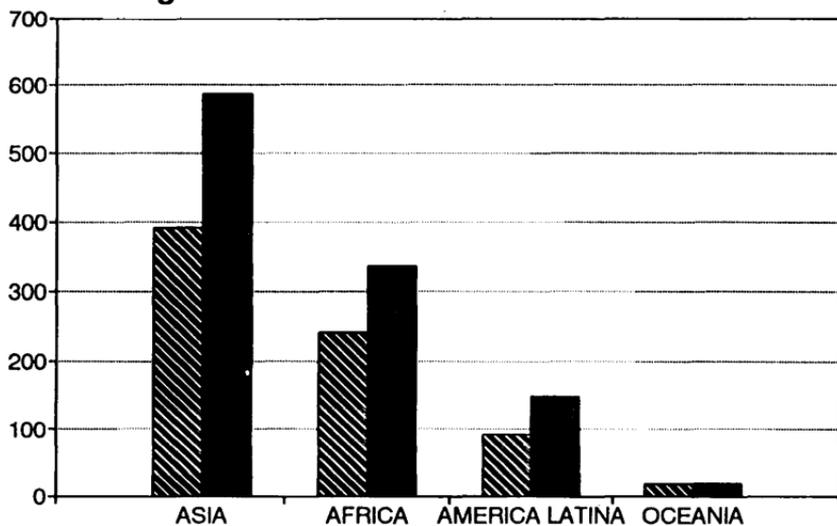


Figura A-2

▨ 1980 ■ 1988

1. UM MANTO MISSIONÁRIO PARA A IGREJA DO TERCEIRO MUNDO

Tem-se falado muito atualmente sobre o crescimento da Igreja no mundo não-ocidental. A maior parte desse crescimento ocorre entre igrejas evangélicas. No ano de 1900, apenas 10% dos evangélicos eram de países não-ocidentais. Em 1985, essa cifra tinha se elevado para 66%.² O Cristianismo Evangélico nos países ocidentais, de 1975-1985, teve uma média de crescimento de 1,3% ao ano. Nos países do Terceiro Mundo (sem incluir a China), essa taxa foi de 6,7% ao ano.³ O movimento de missões no Terceiro Mundo está crescendo numa taxa anual de 13,29% ou, aproximadamente, duas vezes mais rápido que o crescimento das igrejas evangélicas. Isso significa um aumento extraordinário de 248% a cada dez anos!

A Figura A-1 mostra o crescimento total dos missionários do Terceiro Mundo, por continente, para 1980-1988. O total missionário para 1980 é de 13.238 e, para 1988, de 35.924. Isso representa um ganho de 22.686 missionários, em apenas oito anos! Essa elevada taxa de crescimento promete mudar o quadro das missões mundiais no futuro.⁴

As agências de missões e os grupos de envio têm experimentado também um grande crescimento, embora não tão impressionante quanto o dos missionários. A Figura A-2 representa esse crescimento por conteúdo, de 1980-1988. Em 1980, haviam 743 agências e grupos de envio. Em 1988, haviam 1094, o que significa um ganho de 351 agências, em 8 anos!⁵ Isso representa uma taxa de 4,96% ao ano e 62% por década.

2. TOTAIS MISSIONÁRIOS PARA CADA PAÍS

As Figuras A-3 e A-4 expõem os totais de agências de missões e missionários, por país, continente e ano. A Ásia é o maior continente de envio de missionários do Terceiro Mundo, com um total estimado de 17.299 missionários. O total estimado para a África é de 14.989, para a América Latina, de 3.026 e, para a Oceania, de 610 missionários.

O tamanho dos movimentos de missões em várias regiões é também refletido na percentagem de ganho para cada região (ver figura A-4). De 1980 a 1988, o total estimado dos missionários asiáticos cresceu em 11.251, uma taxa de crescimento de 272% por

Capacitando a Força Missionária Internacional

SUMÁRIO HISTÓRICO DE MISSIONÁRIOS E AGÊNCIAS

Região	Agências Ativas			Mis. Relacionados			Mis. Estimados		
	1972	1980	1988	1972	1980	1988	1972	1980	1988
Asia									
Asia*	-	1	1	-	82	500	-	82	500
Bangladesh	0	1	1	-	4	5	4	5	
Burma	2	17	22	-	1010	1797	10	1010	2560
Hong Kong	6	17	19	26	120	92	31	120	191
Índia	26	140	184	66	3328	6841	598	3328	8905
Indonésia	1	20	25	13	381	896	5	381	1114
Japão	32	50	74	27	125	288	137	125	291
Coréia	7	31	104	22	199	1004	38	199	1184
Malasia	2	6	10	2	24	87	5	24	92
Nepal	1	1	1	-	0	8	5	0	8
Paquistão	0	5	7	-	61	88	-	61	96
Filipinas	13	37	54	155	586	1125	170	586	1814
Singapura	4	52	67	10	116	517	10	116	646
Vietnã	1	0	0	2	0	0	2	0	0
Sri Lanka	2	2	3	-	5	37	13	5	37
Taiwan	3	6	6	26	7	3	31	7	10
Tailândia	3	5	9	3	0	127	8	0	132
Ajustes						-286			-286
TOTAL	-	391	587	-	6048	13129	-	6048	17299

África

Angola	2	-	-	-	-	-	10	-	-
Benin	0	1	1	-	0	0	-	0	0
Camarões	0	4	4	-	23	0	-	23	51
Chade	1	-	-	4	-	-	4	-	-
África Central	0	5	6	-	0	6	-	0	6
Egito	2	3	3	-	101	59	5	101	170
Etiópia	0	1	2	-	50	9	-	50	34
Gabão	0	1	1	-	29	0	-	29	7
Gana	0	30	46	-	843	523	-	843	1545
Israel	0	1	1	-	0	6	-	0	6
Quênia	2	36	62	10	68	1966	15	1002	2242
Liberia	1	2	3	-	0	280	5	0	280
Madagascar	2	4	4	30	30	128	35	30	166
Malawi	2	10	13	-	117	436	10	117	436
Namíbia	0	1	1	-	9	13	0	9	13
Nigéria	4	63	84	810	1141	2489	820	1141	2959
Serra Leoa	0	1	3	-	41	78	-	41	103
África do Sul	6	10	11	59	617	125	84	617	999
Suazilândia	1	1	1	-	4	28	5	4	28
Tanzânia	0	5	8	-	54	165	-	54	168

Crescimento das Missões do Terceiro Mundo

Região	Agências Ativas			Mis. Relacionados			Mis. Estimados		
	1972	1980	1988	1972	1980	1988	1972	1980	1988
Uganda	1	6	11	-	47	777	5	47	1113
Zaire	3	37	44	4	990	436	9	990	2731
Zâmbia	0	10	15	-	95	289	-	95	392
Zimbábue	8	10	14	-	496	1464	-	496	1540
Total	27	242	338	917	4755	9277	1007	5689	14989

América Latina

Argentina	7	9	19	30	0	56	30	0	70
Belize	0	1	1	-	0	10	-	0	10
Bolívia	0	1	3	-	0	47	-	0	47
Brasil	26	40	57	495	791	1167	595	791	2040
Chile	2	1	1	-	0	0	10	0	0
Colômbia	2	9	9	2	22	169	7	22	192
Costa Rica	3	1	1	1	0	3	1	0	3
R. Dominicana	0	1	1	-	0	0	-	0	0
Equador	1	3	3	11	12	0	11	12	36
El Salvador	0	1	4	-	2	18	-	2	21
Guatemala	3	6	16	3	27	45	8	27	90
Haiti	0	1	1	-	0	0	-	0	0
Honduras	0	1	2	-	0	7	-	0	17
Jamaica	3	-	-	4	-	-	14	-	-
México	5	11	24	64	24	182	69	24	224
Peru	0	2	4	3	144	164	8	144	164
Porto Rico	2	1	1	20	36	0	30	36	45
Trinidad	3	-	-	5	-	-	5	-	-
Espanha	1	1	1	-	0	10	-	0	10
Uruguai	1	-	-	15	-	-	15	-	-
Venezuela	2	2	2	2	69	0	7	69	64
Ajustes	-7	-7							
Total	61	92	150	655	1127	1871	820	1127	3026

Oceania

Samoa Am.	1	1	1	-	0	18	5	0	18
Fiji	2	3	3	22	153	22	22	153	202
Guam	0	3	3	-	0	0	-	0	0
Nova Guiné	0	7	8	-	81	14	-	81	102
I. Salomão	1	2	2	22	130	0	22	130	254
Tonga	1	1	1	12	0	14	12	0	14
Samoa Oc.	0	1	1	-	10	0	-	10	20
Total	5	18	19	56	374	68	61	374	610

FIGURA A-3

Capacitando a Força Missionária Internacional

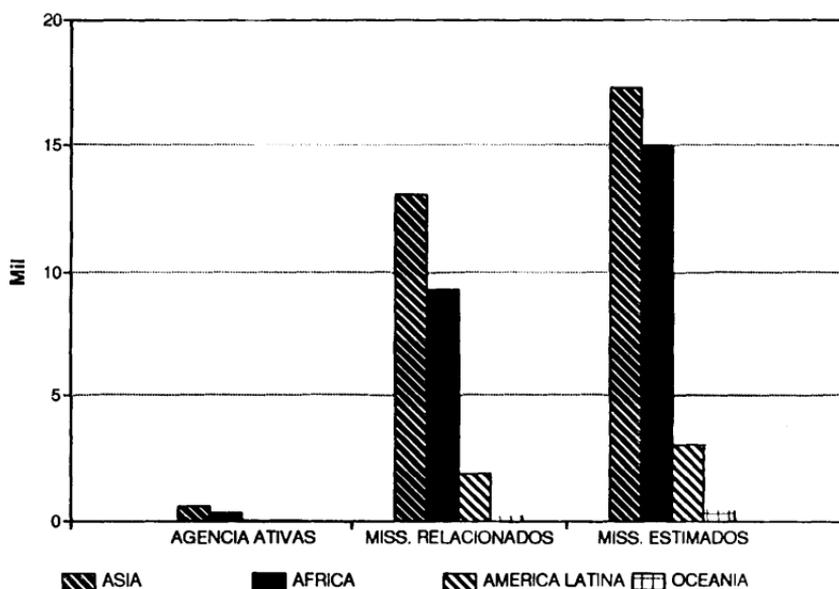
década. O número de missionários da África aumentou em 9.300, uma taxa de crescimento por década (TCD) de 235%. Na América Latina, houve um aumento de 1.899 missionários, uma TCD de 243%. O aumento na Oceania foi de 236 missionários, uma TCD de 84%. Como mencionado acima, a TCD total para todas as regiões combinadas é de 248%.

A. Principais Países de Envio

A figura A-5 representa os dez principais países de envio em 1980 e em 1988. Note que a Índia permanece no topo da lista, com 3.328 missionários em 1980 e 8905 em 1988. Isso representa uma taxa de crescimento por década (TCD) de mais de 242%. Em ambos os anos, a Nigéria permanece como o segundo maior país de envio. Mas com uma TCD de 255,5%, o Zaire superou Burma, como o terceiro maior país de envio em 1988. Note que, também em 1988, o Quênia e a Coreia substituíram a África do Sul e a Indonésia entre os dez principais. Em ambos os anos há cinco países da África, quatro da Ásia, e um (Brasil) representando a América Latina.

Figura A-4

Sumário do Terceiro Mundo Agências e Missionários



OS DEZ PRINCIPAIS PAÍSES DE ENVIO DO TERCEIRO MUNDO

1980 Dez Principais Países		1988 Dez Principais Países		
País	Missionários	País	Missionários	TCD (%)
Índia	3328	Índia	8905	242,23
Nigéria	1141	Nigéria	2959	229,10
Burma	1010	Zaire	2731	255,52
Zaire	990	Burma	2560	219,81
Gana	843	Quênia	2242	173,66
Brasil	791	Brasil	2040	226,83
África do Sul	617	Filipinas	1814	310,61
Filipinas	586	Gana	1545	113,24
Zimbábue	496	Zimbábue	1540	312,14
Indonésia	381	Coréia	1184	829,23
TOTAL	10183	-	27520	246,51
Porcentagem do Total	76,92%	-	76,61%	

Figura A-5

1988 - AS DEZ PRINCIPAIS AGÊNCIAS DE ENVIO (TODAS AS REGIÕES)

Agência	País	Miss. 88
1. Convenção Batista de Burma	Burma	1440
2. Associação Missionária Diocesana	Quênia	1283
3. Avanço em Ministérios de Fé	Zimbábue	1275
4. Sociedade Evangélica Missionária	Nigéria	729
5. Associação das Igrejas Pentecostais de Deus	Índia	560
6. Equipe Evangélica da Índia	Índia	559
7. Grupo de Oração de Amigos de Missionários*	Índia	439
8. Missão Batista Zoran	Índia	408
9. Missão do Evangelho de Uganda	Uganda	406
10. Fraternidade de Oração para toda a Índia	Índia	403
TOTAL		7502
Porcentagem do Total Global (de 35,924)		20,88%

Figura A-6

B. As Maiores Agências de Envio

As dez principais agências missionárias de envio, em 1988, estão relacionadas na figura A-6. A Convenção Batista de Burma encabeça a lista, tendo aumentado de 887 missionários em 1980 para 1.440 em 1988. A Associação Missionária Diocesana da Igreja da Província de Quênia (Anglicana) é a segunda, com um total de 1.283 missionários. Note que, enquanto as agências muito grandes são de vários países da África, cinco agências entre as dez principais são de um único país: a Índia. Isso demonstra a amplitude do movimento missionário na Índia.

3. O FUTURO DO MOVIMENTO MISSIONÁRIO DO TERCEIRO MUNDO

O movimento missionário do Terceiro Mundo está crescendo num ritmo extraordinário. Nossos dados indicam que o movimento de missões não-ocidentais teve um aumento em torno de 22.686 missionários, de 1980 até 1988. Como foi dito anteriormente, isso reflete um crescimento médio anual de 13,39%, que é 248% por década. De 1979 a 1980, o movimento missionário ocidental cresceu numa taxa anual de 4,0%, ou 48% por década. Isso significa que o movimento missionário do Terceiro Mundo cresceu aproximadamente cinco vezes mais rápido que o movimento ocidental, durante os últimos dez anos!⁶ Além de ter um grande significado estatístico para o futuro das missões globais, isso tem muitas implicações para a iniciativa missionária mundial e para a própria Igreja Global.

A figura A-7 mostra o número total de missionários estimados, projetados para o ano 2000. De acordo com as melhores fontes disponíveis, haviam 2.951 missionários em 1972, 13.238 em 1980⁷ e 35.924 em 1988. Se o movimento missionário do Terceiro Mundo continuar nessa taxa de crescimento, haverá um total estimado de 86.098 missionários não-ocidentais, em 1995, e 162.360 no ano 2000!⁸

Se tanto a força missionária do Ocidente quanto a do Terceiro Mundo continuarem crescendo nas taxas atuais, a figura A-8 demonstra que a maioria dos missionários protestantes será do mundo não-ocidental. O número de missionários do Terceiro Mundo superaria o número de missionários ocidentais, em algum período, em 1998. No ano 2000, o número de missionários ocidentais seria de

Missionários do Terceiro Mundo

Totais e Projeção

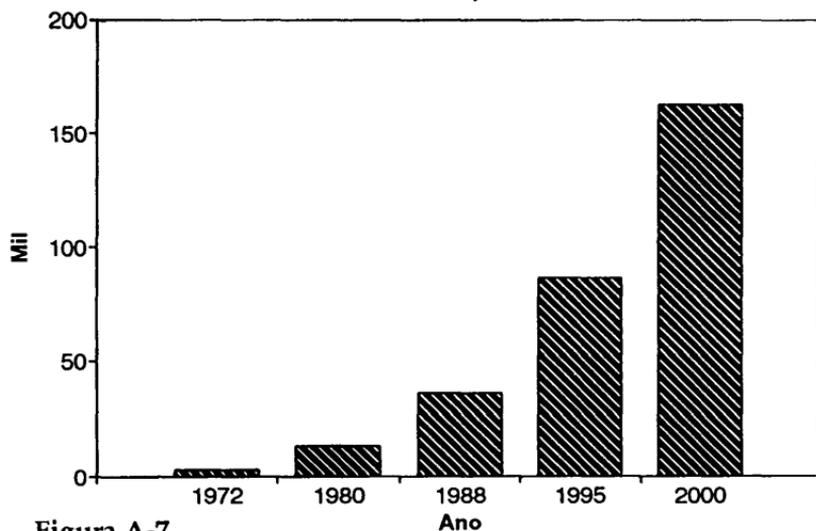


Figura A-7

Projeção da Força Missionária

Ocidentais e do Terceiro Mundo

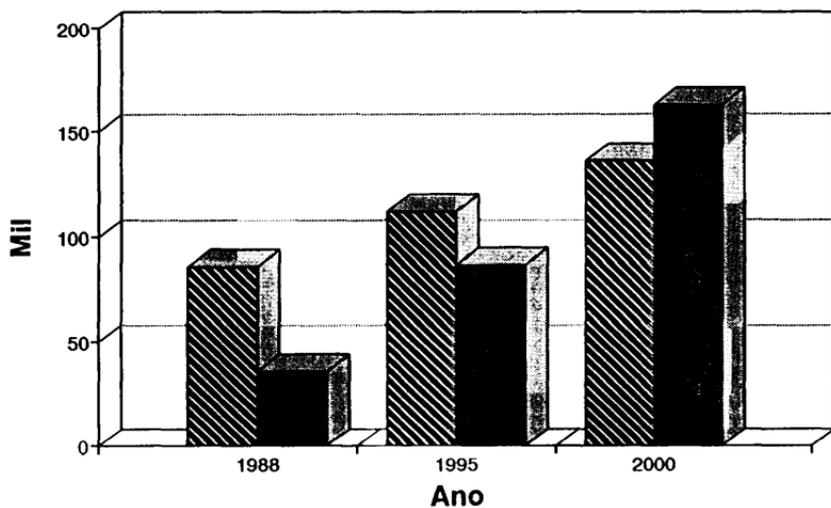


Figura A-8

 Ocidentais

 Terceiro Mundo

aproximadamente 136.000 e, do Terceiro Mundo, de mais de 162.000! Isso faria da força missionária não-ocidental 54,4% do total de missionários protestantes no ano 2000.

4. OLHANDO PARA O FUTURO: SUGESTÕES PARA LÍDERES MISSIONÁRIOS

O rápido crescimento da Igreja e da atividade missionária no Terceiro Mundo promete mudar tanto a igreja quanto a iniciativa missionária no futuro. É provável que a cooperação internacional e entre agências aumente, na medida em que os líderes missionários perceberem possibilidades de expansão para ação mútua. A revolução das comunicações trouxe, pelo crescimento e desenvolvimento explosivo das tecnologias eletrônicas, promessas de aumentar as possibilidades de cooperação.

O que tudo isso significa para o missionário só, lutando para evangelizar um povo ainda não-alcançado? Poderia significar que ele não teria que lutar tanto e se sentir tão sozinho. Poderia vir um dia em que até mesmo o missionário mais remoto teria acesso a uma cadeia completa de informações importantes, a respeito de seu povo alvo, uma rede internacional de recursos financeiros e um grupo internacional de voluntários para juntar-se a ele em sua tarefa. Tais possibilidades futurísticas não deveriam ser consideradas remotas e impossíveis. Elas são tecnicamente possíveis agora. O que resta para ser visto, no entanto, é se os líderes missionários podem demonstrar a intenção e a flexibilidade organizacional de realizar essas possibilidades.

A globalização da tarefa missionária está agora em processo. Isso pode significar a construção de muitas redes práticas de cooperação, através das quais agências de missões individuais podem obter muitas formas importantes de ajuda, sem sacrificar sua autonomia organizacional ou sua natureza nativa. Para demonstrar algumas possíveis áreas de cooperação, as sugestões que se seguem são oferecidas para líderes missionários ao redor do mundo.

(1) Considere Parcerias Orientadas para Tarefas

Parcerias que se centralizam numa tarefa missionária específica não ameaçam as operações organizacionais ou de ministério de nenhuma agência de missões participante. A parceria é válida

quando duas ou mais agências, trabalhando juntas, podem realizar tarefas missionárias que ninguém poderia levar a cabo sozinho.

Trabalhando juntas, agências de missões têm evangelizado grupos de povos específicos na África e na Ásia. Elas têm trabalhado em conjunto para estabelecer programas de treinamento missionário interdenominacionais, em muitos lugares do Terceiro Mundo. Países inteiros, bem como suas necessidades missionárias, têm sido pesquisados através de parcerias missionárias. Até mesmo o projeto de pesquisa que formou a base deste capítulo é resultado de uma parceria internacional de agências. Parcerias podem, e frequentemente o fazem, realizar efetivamente muitas tarefas missionárias vitais, que não poderiam ser efetuadas de outra maneira.⁸

(2) Considere Soluções Internacionais Para Problemas Comuns

As agências de missões, por todo o mundo, enfrentam muitos problemas comuns porque a natureza da tarefa missionária é a mesma, a despeito de quem a realiza. Os principais problemas que os líderes missionários têm que superar são: obtenção de vistos e moeda estrangeira, acesso a bons treinamentos missionários, educação para filhos de missionários, fundos para viagens e sustento, aprendizado da língua e cultura entre povos alvo e obtenção de informações suficientes para planejamentos estratégicos.

Talvez seja hora de considerar seriamente a possibilidade de construir uma ou mais redes de recursos, que possam ser utilizadas por agências de missões por todo o mundo. Uma rede já existente, que poderia prontamente ser utilizada para este propósito, é a Comissão de Missões da WEF e suas muitas associações de missões membros, existentes em diversos países. Aqui estão alguns recursos que poderiam ser colocados à disposição:

1. Um fundo conjunto internacional para ajudar a suprir necessidades estratégicas de missionários do Terceiro Mundo. Como exemplo, pode-se mencionar: câmbio de moeda estrangeira, representação para governantes de países alvo, subsídio de custos de viagens, direitos de saque de fundos para missões.

2. Uma rede computadorizada internacional de bancos de dados de missões. Exemplo de uso: coleta e compartilhamento de informações básicas importantes sobre povos alvo e sobre os missionários trabalhando entre eles.

3. Uma associação internacional de missões de atribuição de

Capacitando a Força Missionária Internacional

crédito (com ramos nacionais), que procura padrões mínimos de integridade organizacional e responsabilidade por parte das agências de missões. Exemplos de benefícios: doadores de qualquer parte do mundo poderiam se sentir confiantes em sustentar agências e projetos aprovados, em qualquer parte do mundo. Os recursos missionários mundiais poderiam ser partilhados de maneira mais justa e estratégica.

4. Poderia ser estabelecido um Serviço Internacional de Desenvolvimento de Parceria, através do qual agências de missões pudessem trabalhar juntas, com o objetivo de realizar tarefas missionárias específicas. Exemplos de benefícios: tarefas missionárias mais amplas, tais como projetos de pesquisa e alcance de grupos de povos maiores, poderiam ser mais prontamente realizadas, com duas ou mais agências trabalhando em conjunto.

(3) Dê prioridade ao treinamento missionário.

O rápido crescimento de missionários no Terceiro Mundo tem fomentado uma grande demanda de treinamento adequado. Alguns candidatos a missionários, na Índia, podem ter que esperar, por dois anos ou mais, por uma oportunidade de receber até mesmo o nível mínimo de treinamento, requerido para ingressar numa carreira missionária. Muitos missionários não-ocidentais são enviados para seu campo de trabalho com pouco ou nenhum treinamento! Nossos dados indicam que deve haver 4,5 vezes mais missionários do Terceiro Mundo para serem treinados, no ano 2000, do que houve em 1988! Sem dúvida, o treinamento missionário do Terceiro Mundo deveria ser colocado no topo da lista de prioridades, tanto das agências do Terceiro Mundo quanto do Ocidente! A necessidade de treinamento missionário é mais complexa do que aparenta à primeira vista. Existem quatro tipos de treinamento específicos, que são primordiais para o desenvolvimento das missões do Terceiro Mundo.

O treinamento de candidatos a missionários inclui a experiência de ministério prática, o aprendizado teórico de sala de aula e a orientação pré-campo, antes que a pessoa seja enviada para o campo de serviço. Embora os padrões e métodos ocidentais possam ser desnecessários, não existe um atalho para preparar missionários para o trabalho transcultural. Um candidato deve primeiro provar seu ministério entre seu próprio povo, então receber treinamento e orientação para ministrar com sucesso a um outro povo.

Crescimento das Missões do Terceiro Mundo

Como é provável que o treinamento missionário do Terceiro Mundo continue sendo uma necessidade primordial por algum tempo no futuro, esta é uma área em que missionários ocidentais mais experientes podem auxiliar de maneira efetiva, providenciando recursos e pessoal. O Instituto Asiático de Treinamento Transcultural (Asian Cross-Cultural Training Institute - ACTI) em Cingapura, por exemplo, é um modelo de cooperação interdenominacional e internacional, que propociona educação missionária de qualidade aos asiáticos.

Há também o treinamento de preparadores missionários. À medida em que os líderes missionários do Terceiro Mundo aprendem a necessidade absoluta de treinamento adequado, eles ficam divididos entre duas possibilidades: utilizar os recursos para sustentar mais missionários ou para treinar aqueles que são enviados. Mesmo para os que decidem treinar seus missionários adequadamente, é difícil encontrar preparadores missionários qualificados. Os instrutores missionários devem ter tido uma boa experiência transcultural, acrescida de um conhecimento teórico, adequado para ajudar outros a serem eficientes numa outra cultura. É difícil encontrar tais instrutores no Terceiro Mundo! Em muitos países, preparadores missionários nativos eficientes são quase inexistentes. Assim, ter um número adequado de instrutores missionários nativos, experientes e habilitados, é talvez a maior necessidade do movimento de missões do Terceiro Mundo.

Essa necessidade proporciona uma excelente oportunidade para a cooperação inter-agências. Alguns líderes já reconheceram isso. Por exemplo, a Escola Bíblica e de Missões Nigeriana em Jos, Nigéria, é patrocinada conjuntamente por cerca de 15 agências de missões, membros da Associação de Missões Evangélicas Nigerianas (Nigerian Evangelical Missions Association).

Proporcionar um preparo adequado para instrutores missionários não será possível, se eles dependerem de treinamento missiológico no mundo ocidental para se qualificarem. Por razões financeiras e contextuais, eles devem receber treinamento em suas próprias regiões do mundo. Reconhecendo essa necessidade primordial, a Comissão de Missões da WEF está iniciando um programa internacional, com o objetivo de tornar o treinamento missionário mais disponível. Trabalhando com um grupo internacional de líderes e preparadores missionários, a Comissão de Mis-

Capacitando a Força Missionária Internacional

sões tem a intenção de proporcionar treinamento para instrutores missionários, numa base regional, começando na América Latina.

Este é um programa importante. Utilizando sistemas de treinamento modulares e equipes de professores reconhecidos internacionalmente, é possível que um preparo completamente transferível seja oferecido para instrutores qualificados. Através de tais esforços inovadores, um treinamento missionário de alta qualidade, para instrutores nativos e experientes, poderia estar finalmente disponível para a maioria dos candidatos a missionários ao redor do mundo.

Os líderes missionários do Terceiro Mundo são altamente motivados. São pessoas visionárias, que freqüentemente superam grandes obstáculos para começar suas agências missionárias. Em áreas como fé e habilidade ministerial, tais líderes usualmente dão excelentes exemplos para os missionários que lideram. Mas a maioria dos líderes sempre se sentem sozinhos, fazendo muito, com muito pouco, por muito tempo. Eles poderiam ser bastante beneficiados por seminários de curta duração e módulos de treinamento, que os ajudariam a obter a percepção e as ferramentas necessárias para os auxiliar na administração de suas agências. Em alguns países, como o Brasil e a Nigéria, associações nacionais de missões patrocinam congressos e seminários para os líderes de agências membros.

Tal aprendizado, bem como as oportunidades de rede, são de grande importância para os líderes de missões no Terceiro Mundo. Isso pode proporcionar uma compreensão sobre organização e estratégia, que os ajudará efetivamente a multiplicar seus frutos e a expandir seus ministérios.

Existe também a necessidade de treinar as igrejas dos missionários. Um ministério missionário efetivo requer uma parceria eficiente com as igrejas. Em muitas partes do mundo, o movimento missionário tem iniciado devagar, em grande parte como um resultado da falta de visão missionária por parte dos próprios líderes das igrejas. Normalmente, é mais fácil preparar os missionários para partir do que ver suas igrejas prontas para enviá-los! Devido a isso, a igreja também deve ser treinada em missões.

Talvez a iniciativa de maior sucesso atualmente, para motivar e treinar lideranças de igrejas em missões, no Terceiro Mundo, seja o COMIBAM (Congresso de Missões Ibero-Americano), na América Latina. Tendo iniciado em 1984, esse movimento de missões em nível continental tem treinado e motivado, com sucesso, igrejas,

jovens, profissionais e líderes de mulheres, mesmo chamando missionários para um serviço que envolve toda a vida. Este é um excelente exemplo de desenvolvimento holístico da visão missionária e da compreensão necessária para sustentar os movimentos missionários.

Estes são apenas alguns dos muitos tipos de benefícios à iniciativa missionária global, que são possíveis se os líderes missionários, em todas as partes do mundo, considerarem seriamente soluções cooperativas para os problemas missionários comuns ao redor do mundo.

5. CONCLUSÃO

O rápido crescimento da Igreja e da atividade missionária no Terceiro Mundo anuncia, para o futuro, mudanças tanto na Igreja quanto na iniciativa missionária, numa escala global. O movimento de missões do Terceiro Mundo promete ser aproximadamente tão grande quanto o movimento ocidental, em alguma época na virada do século. Esse rápido crescimento demanda uma séria avaliação, por parte da Igreja e dos líderes missionários de todo o mundo, com relação à necessidade e ao potencial da cooperação internacional. Isso é particularmente verdade no que diz respeito à disponibilidade de um treinamento missionário adequado. Redes, parcerias orientadas para tarefas específicas e internacionalização estão se tornando mais que simples jargão futurístico. A globalização das atividades missionárias da Igreja está assumindo formas concretas.

Que o nosso compromisso com a tarefa missionária, e uns com os outros, seja suficiente para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades que se apresentam diante de nós!

NOTAS

1. Este projeto de pesquisa foi patrocinado por OC Ministries, Inc., the Committee for World Evangelism's Strategy Working Group, Commission of the World Evangelical Fellowship e Globalink Ministries. Uma análise mais completa está disponível no livro "From Every People".
2. David J. Hesselgrave, "Today's Choices For tomorrow's Missions" (Grand Rapids: Zondervan), p.189.

Capacitando a Força Missionária Internacional

3. Patrick Johnstone, "Operation World" (Pasadena: William Carey Library, 1986), p.35.
4. Estas devem ser consideradas cifras moderadas. Todo o esforço possível tem sido feito, no decorrer do livro, para selecionar métodos de cálculo que não inflem as cifras.
5. As cifras de 1980 não estão de acordo com as do Dr. Lawrence E. Keyes, em "The Last Age of Missions", porque nós as revisamos para incluir agências descobertas recentemente, que já existiam em 1980 mas não tinham sido, então, encontradas pela pesquisa de Keyes.
6. Com base nas cifras da décima quarta edição do "North American Mission Handbook" (MARC Publications, Monrovia). Essa taxa assume a mesma taxa de crescimento para a Europa ocidental, para a Austrália/Nova Zelândia e para a América do Norte. Também assume que a taxa de crescimento de missionários ocidentais caseiros, para os quais não temos cifras, é também a mesma do crescimento de missões ocidentais estrangeiras. Essas taxas de crescimento desconhecidas poderiam ser mais baixas, mas é improvável que sejam mais altas.
7. As cifras para 1972 e 1980 não são estimativas. Elas refletem dados em nossos registros de relatos de missionários. É por isso que não estão exatamente de acordo com estimativas prévias para aqueles anos, no estudo de 1972, por Wang, et al., e no estudo de 1980, por Keyes.
8. Para uma discussão mais completa sobre parcerias orientadas para tarefas, veja meu artigo, "Get Ready For Partnerships With Emerging Missions", in *Evangelical Missions Quarterly*, Vol.22, No.4 (Out. 1986).

O Dr. Larry D. Pate é Diretor do Two-Thirds World Missions Ministries, O.C. International. Ele trabalhou como missionário em Bangladesh, e é consultor da Comissão de Missões da WEF. O Dr. Pate é um pesquisador fundamental das missões do Terceiro Mundo. Este capítulo foi apresentado pela primeira vez na Consulta de Manila e revisado para publicação.

PARTE 2.

**MODELOS DE
TREINAMENTO
MISSIONÁRIO**

Treinando Missionários na Ásia: O Instituto Asiático de Treinamento Transcultural

Titus Loong

Aqui na Ásia, durante os últimos vinte anos, as igrejas começaram a reconhecer seu papel na pregação do Evangelho a todas as nações, transpondo barreiras culturais e lingüísticas. Cristãos com uma mentalidade missionária têm percebido o valor de aprender novas línguas e a importância de estabelecer igrejas transculturalmente. Além disso, têm reconhecido que profissionais cristãos podem se tornar fazedores de tendas estratégicos em alguns países.

As missões na Ásia são relativamente recentes. As igrejas e agências de envio ainda estão trabalhando duro para melhorar certas áreas, tais como orientação e treinamento, educação de crianças e assistência aos pais dos missionários em seu país de origem. Os asiáticos começam seu trabalho missionário quase sem preparo para enfrentar tais circunstâncias.

Muitos anos atrás, quando eu estava trabalhando em Taitung como médico missionário, nossa farmacêutica de Taiwan (uma seminarista graduada) falou-me a respeito de seu chamado para

Capacitando a Força Missionária Internacional

trabalhar na Tailândia. Eu e minha esposa emprestamos a ela livros e periódicos sobre missões. Oramos e discutimos sobre missões com ela. Desde então, passei a considerar freqüentemente a seguinte questão: “Como é que os asiáticos deveriam ser preparados, para servir ao Senhor em campos transculturais?”

Missionários asiáticos são, em alguns aspectos, bem diferentes de missionários ocidentais. Embora alguns asiáticos possam ser bem sustentados financeiramente e em oração, falta-lhes assistência pastoral por parte de suas próprias igrejas. Esses missionários são, freqüentemente, cristãos de primeira geração. Sua consciência missionária, ao invés de partir de seus pais e de escolas dominicais, vem de conversas e da leitura de livros sobre missões mundiais atuais. Além disso, eles também podem precisar vencer barreiras culturais adicionais, se enviarem seus filhos para internatos.

Para servir ao Senhor num contexto transcultural, é necessário ser espiritualmente maduro e conhecer o bastante sobre missões. É importante aprender sobre implantação de igrejas e outras habilidades transculturais. Na realidade, é necessário aprender a viver de maneira transcultural.

Tem sido um privilégio para mim dedicar quatro anos como membro residente do corpo docente do Instituto Asiático de Treinamento Transcultural (Asian Cross-cultural Training Institute - ACTI). Uma de nossas exigências que todos os candidatos participem de uma experiência de vida comunitária transcultural.

1. OBJETIVOS DO TREINAMENTO DO ACTI

A principal característica do ACTI é o treinamento missionário prático, numa comunidade transcultural, com uma forte ênfase em missiologia. Temos por objetivo evitar qualquer dicotomia entre treinamento prático e acadêmico.

O objetivo do treinamento no ACTI é quádruplo: experimentar uma vida em comunidade transcultural, aprender evangelismo transcultural e planejamento de igrejas, encontrar identidade própria (como famílias ou indivíduos) num contexto transcultural e desenvolver perspectivas asiáticas criativas sobre missões. Esse objetivo é atingido através do aprendizado e da vida na comunidade ACTI.

A. Ambiente de Intensa Conversação em Inglês

Os missionários asiáticos enfrentam hoje uma dificuldade sin-

gular. Temos que nos ajustar a duas novas línguas e culturas. Precisamos estudar tanto a língua-alvo quanto a língua inglesa e aprender a nos adaptarmos à cultura local e à “cultura missionária”, que é ainda, em grande parte, ocidental. Normalmente a língua inglesa e os métodos ocidentais predominam em reuniões missionárias. Os missionários asiáticos têm que encontrar um meio próprio de se enquadrarem nesse esquema. O ACTI não apenas oferece aulas de inglês para missionários; ele usa a língua inglesa como o meio de ensino e comunicação e requer dos candidatos um trabalho elaborado em inglês, sobre um assunto relevante para seu ministério futuro.

B. Perigos de Viagens Curtas

Algumas pessoas questionam a necessidade de viver numa comunidade de treinamento transcultural, visto que existem disponíveis, para obreiros cristãos, viagens curtas para uma exposição cultural anterior à sua designação missionária. Particularmente, eu vejo limitações nessas viagens. Durante esses curtos períodos, as pessoas estão fortemente motivadas a se identificarem com a cultura local, porque sabem que dentro de pouco tempo estarão retornando para casa. A empolgação que experimentam numa nova cultura é suficiente para levá-las a realizar essa curta viagem. Mas problemas, tais como frustrações no aprendizado da língua, solidão, ou a dificuldade na educação dos filhos, precisam ser considerados. Os solteiros podem não ter pensado em se tornar pais no campo missionário. Ou, talvez, durante a viagem missionária, um candidato tenha passado por muitas dificuldades e decida que não pode ser um missionário de carreira. Aqui no ACTI, nós gastamos uma boa extensão de tempo vivendo juntos e discutindo como nos prepararmos para serviços de longa duração.

C. Experiência Orientada

Um aluno nosso nos disse que a missiologia estudada no ACTI mostrou-se, mais tarde, muito prática. Ele encontrou sua identidade missionária quando Deus falou-lhe através das dificuldades. Se ele não tivesse tido a oportunidade de meditar nas bases bíblicas sobre missões e sobre o que significa ser um missionário a longo prazo, poderia ter achado muito difícil continuar seu trabalho transcultural. Os meses gastos no ACTI ajudaram os candidatos a adquirir a qualidade da persistência. Uma missionária solteira comentou que

Capacitando a Força Missionária Internacional

a experiência de dividir o quarto com pessoas de outras culturas não foi fácil, mas mostrou-se bastante útil para sua vida no campo missionário.

No ACTI, os candidatos não apenas estudam o “por que” e “quem” das missões, que são a informação básica sobre o evangelismo mundial, mas também exploram o “como”, “o que” e “onde”. Eles aprendem a estabelecer objetivos a curto e a longo prazo. Este é um treinamento pré-campo, projetado para aqueles seriamente chamados a servir de maneira transcultural a longo prazo.

D. Vida Familiar Missionária

O ACTI provê também um tempo para os casais deixarem seus papéis de maridos e mulheres e descobrirem uma maneira de servir juntos. Alguns casais alunos nossos observaram que a vida no ACTI havia enriquecido seus relacionamentos. As famílias podem gastar tempo falando com missionários. Palestras sobre vida familiar missionária têm ajudado vários candidatos com respeito à educação de filhos. Alguns decidem enviar seus filhos para internatos, enquanto outros não. Durante nossas viagens missionárias de estudo, os levamos para conhecer escolas CheeFoo, na Malásia, ou Academia da Fé (Faith Academy), em Manila.

Um estagiário com três filhos disse certa vez: “Nós não temos todas as respostas sobre como educar e criar nossos filhos, mas agora sabemos o suficiente para sermos capazes de discernir a orientação de Deus passo a passo.”

E. Recrutamento e Orientação de Candidatos

Antes de aceitar qualquer candidato novo, o ACTI trabalha rigorosamente com as organizações de envio, para examinar o chamado e a disposição do mesmo em receber esse treinamento preparatório. O ACTI é, portanto, um treinamento pós-seminário, pós-compromisso e pré-campo, para missionários de carreira e profissionais transculturais.

Devido à intensidade do programa, a orientação e os procedimentos de organização para o avanço têm sido aperfeiçoados a cada ano, com o objetivo de ajudar os candidatos a maximizarem seu aprendizado.

F. Orientação Preliminar

Seis meses antes da chegada dos candidatos, o ACTI envia

materiais para que possam ler e trabalhar com os mesmos. Eles são informados sobre a cultura de Cingapura, a situação da igreja e outras coisas que precisam saber, como novos hóspedes. São incluídas sugestões sobre vida comunitária transcultural para solteiros, casais ou famílias, sobre meios de aperfeiçoar o inglês e, até mesmo, sobre o tipo de pertences a trazer. Posteriormente, eles são encorajados a começar a orar por seus companheiros de estágio.

G. Semana de Orientação

O programa para a primeira semana é planejado de maneira mais suave, para que os estagiários tenham um tempo para se ajustarem às diferenças de fuso horário e climáticas. As famílias necessitam de um tempo adicional para se estabelecerem. A primeira semana é dedicada a permitir que todos aprendam, tanto quanto possível, sobre a vida no ACTI e em Cingapura. Aplicamos o princípio de marcação cultural (quanto mais cedo o missionário tiver contato com a comunidade, mais fácil será a sua integração) e facilitamos uma exposição antecipada ao novo ambiente. Por exemplo, nós planejamos para que os recém-chegados utilizem transporte público desde o primeiro dia de chegada. Felizmente, Cingapura é uma cidade segura e é de língua inglesa.

H. Educação Missionária

Duas vezes por ano, o ACTI publica um jornal chamado “Missões Asiáticas”, para estimular e promover interesse no movimento missionário na Ásia. O objetivo disso é ter uma arma de pesquisa sobre movimentos missionários asiáticos e missões mundiais. Algumas organizações têm expressado o desejo de estabelecer parcerias entre institutos de treinamento missionário por todo o mundo. É minha oração e sincera esperança que isso seja, em breve, uma realidade.

2. UMA OLHADA NO CURRÍCULO

Cada ano oferecemos um curso de treinamento de dez meses de duração para novos missionários. Proporcionamos um envolvimento com a igreja e viagens missionárias de estudo, para uma exposição mais ampla a experiências transculturais.

As manhãs são ocupadas com aulas missiológicas formais e seminários, exposições audiovisuais e discussões. Enfocamos pers-

Capacitando a Força Missionária Internacional

pectivas teológicas e históricas de missões, implantação transcultural de igrejas, comunicação transcultural e o estudo de diferentes religiões e grupos de pessoas no mundo; estudamos também assuntos práticos e atuais, tais como missões numa era revolucionária, saúde básica, vida familiar missionária, educação de filhos e métodos para lidar com o estresse.

Alguns assuntos muito práticos são estudados: por exemplo, mulheres muçulmanas, o movimento carismático na Ásia, o espiritismo nas Filipinas, maneiras de cultivar um bom entendimento com as igrejas de envio, religiões populares, aconselhamento transcultural, educação dos filhos de missionários e missões urbanas.

Existe uma preocupação com o fato de que os candidatos podem vir a gastar tempo demais lendo livros. As idéias são, portanto, expressas e discutidas durante as aulas ou em conversas informais. Os candidatos também comparam anotações sobre suas experiências prévias de implantação de igrejas.

Temos seis semanas de estudo de lingüística e fonética, estudo transcultural da Bíblia e antropologia cultural. As tardes são deixadas livres para aconselhamento, oração, estudo ou repouso.

Durante as duas viagens missionárias de estudo, os candidatos aprendem de líderes nacionais de igrejas e de missionários, em diferentes países. Fazendo isso, estendemos nossas salas de aula para além de Cingapura.

É requerido de cada candidato fazer uma dissertação de vinte páginas, em inglês, sobre um trabalho de pesquisa a respeito de missões, relacionado com seu futuro ministério.

O programa acadêmico do ACTI está, continuamente, se expandindo e se ajustando ao mundo em desenvolvimento no qual vivemos e trabalhamos. Estamos constantemente examinando áreas que preocupam mais e mais o missionário. Para maiores detalhes, ver Apêndice 1.

3. O FUNCIONAMENTO DO PROGRAMA DE TREINAMENTO ACTI

No funcionamento do ACTI, enfatizamos o trabalho em equipe entre professores e candidatos. Por um lado, o corpo docente provê um ambiente apropriado para aprendizado. Por outro lado, oferecemos aos candidatos o privilégio e a responsabilidade de participar da operação. Respeitamos seu insumo de idéias e trabalho; assim,

eles tomam-se parceiros criativos, enquanto mantêm o papel de aprendizes.

A. Conduzindo uma Comunidade de Aprendizado

Vida em comunidade não é algo novo, mas alguma coisa que perdemos de vista no nosso mundo moderno. Hoje em dia, temos mais posses, mais liberdade e acesso a conveniências pessoais. Mas tudo isso, ao invés de nos unir tem nos separado ainda mais.

O treinamento através da vida em comunidade corresponde ao conceito de construir o corpo de Cristo por meio de pequenos grupos ou retiros. Mas o treinamento transcultural em grande proximidade, por dez meses, é mais que simplesmente participar de retiros. Acrescenta pressão, tanto para os preparadores quanto para os candidatos. Mas, como qualquer habilidade, o conhecimento vem com a prática. A filosofia completa do ACTI é expor todos a interações interpessoais ativas, num contexto transcultural de cuidado e compartilhamento cristão.

B. Facilitando um Modo de Pensar Transcultural

Uma pergunta comumente feita é se um missionário da Coreia, por exemplo, que está indo para as Filipinas, necessita conhecer outras culturas além daquela para a qual está se dirigindo. A necessidade é óbvia, especialmente diante do mundo internacionalizado e em rápida mudança no qual vivemos. Quando um futuro missionário, de um país “A”, conhece um pouco a cultura do país “C”, “D” ou “E”, antes de ir para o país “B”, já desenvolve algumas habilidades no pensamento transcultural. Em outras palavras, ele irá observar diferenças e ouvir outras pessoas antes de concluir precipitadamente se alguém está certo ou errado.

Sua experiência o faz lembrar que existem diferenças, de um país para o outro, na maneira de fazer as coisas.

C. Promovendo uma Dinâmica Asiático-Occidental no ACTI

Aqui está o ponto crítico da questão. Missionários ocidentais são vistos como bem sucedidos quando conseguem ajustar-se à cultura do país que os recebe. No entanto, o sucesso do missionário asiático é parcialmente julgado pela maneira como se entende com outros missionários ocidentais.

Um objetivo no ACTI é preparar candidatos asiáticos para épocas em que irão interagir com companheiros missionários não-

Capacitando a Força Missionária Internacional

asiáticos. Em outras palavras, o ACTI tem um papel importante para o treinamento de candidatos a missionários não-ocidentais, de tal maneira que nossa vida comunitária também simula o posto missionário ou o círculo cultural missionário. O ACTI tenta manter a comunidade pequena para simular as interações interpessoais e em pequenos grupos que acontecem no campo missionário.

Uma das “atividades de simulação” que acontecem no ACTI é o chá da tarde e a reunião de oração de sexta-feira à noite (seguida de um chá). Outras atividades de simulação incluem recreações, tais como partidas de voleibol. Tanto os jogos de voleibol quanto os chás já foram, em alguma época, considerados, por alguns preparadores asiáticos, uma perda de tempo.

Dessa maneira, os candidatos asiáticos têm uma chance de praticar e ajustar seus pontos de vista, antes de encarar a situação real no campo. Um aluno coreano, agora trabalhando em Taiwan, disse que pode apreciar, completa e confortavelmente, a reunião de oração semanal com seus companheiros missionários. Quando servem bolo, ele pega um garfo e participa. Situações aparentemente inofensivas, tais como essa, podem desencadear muitos problemas para missionários asiáticos despreparados para enfrentá-las. Uma outra missionária asiática sentiu-se magoada, quando tentou, por várias vezes, dizer algo engraçado a um grupo de ocidentais e ninguém riu. Piadas são, de fato, o mais difícil de todos os aspectos de uma cultura, para estrangeiros. Isso explica porque as orações de sexta-feira à noite no ACTI vieram a significar muito para os candidatos. Vemos nossos candidatos ocidentais como ótimas pontes de contato entre o Ocidente e o Oriente.

D. Construindo uma Confiança Transcultural

Construir confiança no próprio contexto cultural de uma pessoa nem sempre é fácil. Quanto mais numa situação multi-cultural. Quão verdadeiro é o que Johnson diz:

A confiança é uma condição necessária para uma cooperação estável e uma comunicação efetiva. Quanto maior a confiança, mais estável a cooperação e mais efetiva a comunicação.¹

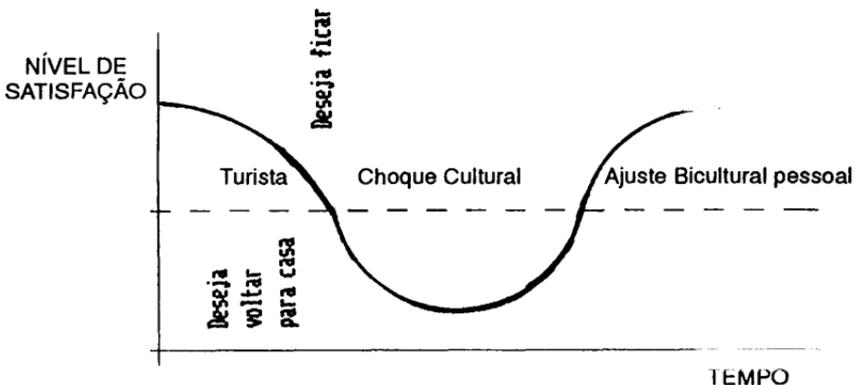
Quando o nível de confiança é alto no campo ministerial, os missionários são amplamente capazes de expressar seus sentimentos e pensamentos e de discutir suas opiniões e idéias diferentes. Contrastantemente, é difícil trabalhar com alguém que desconfia de

tudo que vê e ouve. Tal atitude é muito destrutiva para a pessoa e para seu serviço. No ACTI, os membros da comunidade transcultural podem aprender como construir confiança através da observação, da auto-avaliação e do período semanal de ensino por meio de palestras. Isso requer compromisso.

E. Aplicação de Dinâmicas de Grupo

Durante o primeiro período, são oferecidas palestras sobre conhecimento e direcionamento de dinâmicas de grupo. Durante os meses que se seguem, professores e alunos podem testar essas teorias e princípios entre si, por meio de observação e experimentação. Candidatos, assim como professores, passam pelo que Johnson (citando Tuckman) descreve como os “estágios do desenvolvimento do aprendizado em grupo”.

Durante o estágio de formação, há um período de incerteza, no qual os membros tentam determinar seu lugar no grupo, bem como os procedimentos e regras do mesmo. Durante o estágio de tumulto, começam a aparecer os conflitos, à medida em que os membros resistem à influência do grupo e rebelam-se contra a realização das tarefas. Durante o estágio de normatização, o grupo estabelece coesão e comprometimento, ... fixando normas para um comportamento apropriado. Finalmente, durante o estágio de execução, o grupo desenvolve a capacidade de atingir suas metas...²



Capacitando a Força Missionária Internacional

Paul Hiebert³ vê três estágios na experiência transcultural: “turista”, “choque cultural” e “pessoa bicultural ajustada”.

Estudando o gráfico que acompanha, assim como os quatro estágios, podemos propor a seguinte descrição, que coincide com o que acontece durante o treinamento no ACTI.

Estágio inicial ou de formação: como um turista, cheio de curiosidade e motivação. Isso se assemelha aos dois primeiros meses da experiência no ACTI.

Estágio de tumulto: a pessoa está enfrentando o choque cultural, assim como a crise espiritual ou conflitos interpessoais. Isso acontece em torno do terceiro ao quinto mês do curso de treinamento. Alguns candidatos adoecem, perdem peso ou tornam-se quietos e passivos. Outros podem desafiar a administração ou outros candidatos.

Um grupo irá atravessar um período de desafio da autoridade do coordenador. Isso é uma ocorrência comum e deve ser esperada. ... A participação em um grupo de aprendizado cooperativo requer que os estudantes tenham responsabilidade com seu próprio aprendizado e com o dos outros membros de seu grupo. ... Algumas vezes, membros do grupo resistem a essas responsabilidades e tentam retornar ao papel mais tradicional do estudante passivo, voltado para si mesmo, com o menor esforço.⁴

Num contexto asiático, os professores não podem fazer vista grossa às emoções dos candidatos, que persistem sob uma aparência de obediência ou calma. Normalmente, um compartilhamento pessoal sincero ajuda muito a fazer com que membros passivos retornem a seus papéis ativos e realizadores. Candidatos asiáticos necessitam de mais iniciativa por parte do corpo docente.

Estágio de normatização: a pessoa está emergindo de um poço de depressão. Durante o quinto ou sexto mês, os candidatos começam a dormir melhor, falar mais e apreciar a presença uns dos outros. Começam também a fazer amizade com os cristãos do local.

O *estágio de execução* descreve uma pessoa bicultural ajustada. Após seis ou sete meses, nossos candidatos já adquiriram mais compreensão da vida e do serviço de um missionário e já aprenderam a testemunhar e a ajudar numa igreja de uma cultura diferente. A curva do choque cultural assemelha-se muito ao que nossos candidatos têm experimentado.

Mais que uma experiência pessoal, é uma experiência de grupo. Johnson⁵ também incluiu um último estágio de grupo, que finaliza totalmente quando os candidatos partem para servir em seus países designados. Eles podem não se ver mais. Os professores têm que ajudá-los a resolver conflitos interpessoais antes que o tempo do grupo em conjunto se esgote. A vida de um missionário está sempre em movimento, mas nem todo missionário aprende a mover-se, sentindo-se livre de culpa ou de mágoas.

F. Viagens de Estudo de Missões

A experiência de viajar juntos proporciona melhor preparo para a carreira missionária futura do candidato que um período de evangelismo intenso. No ACTI, solicitamos ao marido que leve a esposa e os filhos nas viagens, para que seja treinado a lidar com esse tipo de situação. Por exemplo, o pai tem que preencher quatro ou cinco formulários, enquanto a mãe cuida das crianças e das bagagens. O que fazer se a família não couber toda num táxi triciclo? E sobre as reuniões noturnas? A esposa ficará para trás sozinha com as crianças? Crianças asiáticas mais velhas têm que aprender costumes ocidentais à mesa em hospedarias de missões, uma outra sub-cultura.

4. TREINAMENTO HOLÍSTICO PARA MISSIONÁRIOS: FORMAL E NÃO-FORMAL

Grunlan e Mayers escreveram:

Em sociedades onde a educação formal é baseada no relacionamento educacional professor-aluno, a preleção é o principal meio de ensino, isto é, a contribuição do aluno é mínima, primariamente no contexto de sala de aula. A influência do professor sobre o aluno é, então, apenas na área específica do curso. Assim, a avaliação é de valor mínimo na vida do estudante, porque apenas os resultados finais são testados e avaliados, isto é, o exame.⁶

Duas questões a respeito de programas de treinamento missionário têm sido freqüentemente levantadas:

1) deveríamos considerar a possibilidade de nos movermos em direção a um credenciamento teológico?

2) o ACTI é um tipo de treinamento não-formal, em contraste

Capacitando a Força Missionária Internacional

com o programa de graduação “formal” oferecido em seminários ocidentais?

Eu gostaria de apresentar os seguintes pontos para serem discutidos:

1. Nota-se comumente que alguns “missiólogos” não têm se envolvido ativamente no trabalho missionário. Após muitos estudos, não são mais “adequados” ao trabalho de campo. Por quê? Poderia ser porque agora eles são velhos e seus filhos já terminaram seus estudos. Talvez eles tenham muito conhecimento de cabeça e, assim, não são corajosos o bastante para prosseguir. Portanto, questionamos se o estudo missiológico acadêmico formal num seminário é, por si só, adequado ao serviço missionário.

2. Alguns missionários asiáticos, após seus dois primeiros períodos de serviço, procuram estudos acadêmicos. Eles aproveitam muito os estudos missiológicos nesse ponto e podem adquirir muita visão de suas próprias experiências, assim como das experiências de outros.

3. Tome como exemplo os tecnólogos de hoje em dia. Eles têm seu treinamento formal (cada estudante escolhe um assunto para especialização, avaliado através de exames que levam à obtenção de um diploma). Ainda assim, é requerido deles um estágio de trabalho afim, antes de começarem seu próprio trabalho. Da mesma maneira, o ACTI treina novos missionários enquanto estes realizam seu ministério. É por isso que o governo de Cingapura vê os membros do ACTI não como estudantes, mas como “pessoas em treinamento”, e lhes concede permissão oficial para trabalhar.

4. Acredito que não estamos aqui para discutir como (ou se) os programas de treinamento missionário virão a ser parte das escolas teológicas. Eu estimo organizações de missões a estabelecerem seus próprios sistemas de atribuição de crédito.

5. Nosso método de recrutamento de candidatos serve como um modelo funcional: nós os estamos recrutando através de suas agências de missões. TEAM, nas Filipinas, aprovou um pedido de aceitação de missionários asiáticos; isto é, eles precisam primeiro passar pelo treinamento no ACTI.

6. O método de avaliação do candidato no ACTI (ver Apêndice 2) indica que nosso programa é centralizado na pessoa que está aprendendo. Muito tempo e esforços são gastos nos relacionamentos interpessoais entre preparadores e candidatos, antes que estes pos-

sam se avaliar mutuamente. Os seminários adotam modelos similares de avaliação?

7. Mas o ACTI enfatiza o treinamento formal, ou na forma de palestras (ver currículo). Este é conduzido em palestras matinais. Nós proporcionamos tanto treinamento formal quanto não-formal. Tentamos oferecer um treinamento holístico para novos missionários.

5. O "FEEDBACK" DOS EX-ALUNOS

Há cinco anos, quando o ACTI estava tomando forma, o comitê estava totalmente ciente da alta taxa de desistência entre os missionários asiáticos. As principais causas disso são: falta de conhecimento transcultural, inabilidade na comunicação com as igrejas de origem, para o recebimento de orientação pastoral, e dificuldades nos relacionamentos interpessoais com companheiros missionários. Uma quarta razão poderia ser a educação das crianças.

A utilidade de um programa de treinamento pode ser avaliada através da observação da vida e do ministério dos alunos e de seu "feedback" honesto. Vinte e nove alunos do ACTI estão agora servindo no Japão, em Taiwan, nas Filipinas, na Indonésia, na Tailândia e no Paquistão. Três contraíram a febre da dengue no seu primeiro ano. Duas esposas de missionários abortaram. Outras duas tiveram filhos. Uma ficou meses de cama por causa de uma séria lesão nas costas. Duas famílias enviaram seus filhos pequenos para internatos e podem vê-los apenas duas vezes por ano. Duas tiveram que fazer viagens para casa por motivo de doença ou morte dos pais. Algumas famílias passaram por dois ou três dos traumas mencionados acima.

O primeiro grupo já está de volta a seu país de origem, depois do primeiro período de serviço. O segundo grupo e alguns do terceiro completaram seu estudo de línguas. Todos estão tendo êxito na implantação de igrejas ou no ensino. Visitei vários deles e tenho mantido contato constante através de correspondência. Até onde sei, todos estão seguindo uma vida de solteiro equilibrada ou um casamento bem estável, e estão se relacionando bem com os colegas. Um aluno expressou isto da seguinte forma: "As dificuldades não deixam de existir, mas sabemos que elas são de se esperar e que, uma a uma, serão superadas. Alguns companheiros ocidentais ainda

nos ‘surpreendem’ de vez em quando, mas posso aprender a aceitá-los”.

Um casal viu sua nova igreja tornar-se independente. Como fruto de seu discipulado e ministério de treinamento, a igreja de dois anos em Taichung tem uma forte equipe de diáconos e está solicitando um pastor próprio. As famílias servindo no Japão têm que ser mais pacientes com o crescimento vagaroso do número de cristãos, pois essa é a situação da igreja naquele país. Uma senhora aluna nossa nas Filipinas está ajudando a organizar igrejas para convertidos das favelas.

Casais que têm filhos comentaram que o ACTI ajudou na preparação para a educação dos mesmos. Em um caso específico, a mãe saiu de um estado de muita tensão (quando ela e sua filha atravessaram o período de choque cultural) para tornar-se descontraída e à vontade no novo meio. Essa família enviou sua filha a uma escola para filhos de missionários por três anos; e a criança ainda fala sua língua materna, para a alegria dos pais.

Um outro casal tomou a difícil decisão de enviar seus filhos para um internato. A decisão veio como resultado de testemunhos de outros pais e de visitas à escola Che Foo.

Todos os ocidentais têm comentado quão benéfico o ACTI tem sido para eles, simplesmente porque ajudou-os a se acostumarem a viver com asiáticos e a experimentarem a vida como um grupo minoritário. Às vezes, a vida na comunidade ACTI é difícil para eles. Eles descobrem seu orgulho e insegurança. Outras vezes é difícil admitir, por exemplo, que os companheiros asiáticos são financeiramente mais fortes.

Solteiros têm se sentido muito sozinhos, mesmo quando se envolvem com outros candidatos. O problema da solidão é, então, tratado e coberto de oração. Uma candidata disse que estava enfadada. Um estilo de vida transcultural e isolado pode golpear duramente pessoas solteiras, quando não têm ninguém para quem se voltarem. Os solteiros podem examinar cuidadosamente esses temas no ACTI, antes de terem que enfrentar o estresse do estudo da língua no campo.

6. OBSERVAÇÕES DO REITOR

FINANÇAS: Basicamente, custa menos manter um candidato do que manter um missionário no campo; em parte porque partilha-

mos acomodações de moradia e cozinha e viajamos juntos. É também porque o OMF e as outras nove organizações patrocinadoras dividem as despesas. Cada candidato, através de sua junta de missões, contribui com três mil dólares, por um quarto e pela alimentação, para todo o curso, enquanto o ACTI levanta a mesma quantia para cobrir custos da biblioteca, do furgão, do escritório, de publicações e de viagens. Os preparadores de missionários também pagam as despesas de seus quartos e de alimentação.

INSTALAÇÕES: Como estamos em Cingapura, o esforço necessário no sentido de adquirir nossas próprias instalações permanentes tem sido um desafio.

REGISTRO: Desde o princípio, o ACTI tem trabalhado sob o generoso patrocínio do OMF. Eles dão assistência financeira, legal, imigratória e doméstica, e fornecem um grupo de professores. Embora estejamos tentando nos registrar como uma organização independente, tenho observado que sempre que um novo programa de treinamento é lançado, é aconselhável trabalhar sob e com uma organização bem estabelecida.

PESSOAL: Corpo docente e funcionários residentes por longo prazo. A maior parte do tempo, o ACTI tem trabalhado com um corpo docente defasado, com duas unidades de missionários tentando administrar todo o programa. Têm sido tomadas medidas para convidar uma terceira unidade para fazer parte do corpo docente residente a longo prazo. A carga de trabalho é sempre partilhada por professores visitantes, que freqüentemente proporcionam idéias dinâmicas e novas, as quais ativam a comunidade. Como estamos em Cingapura, não tem sido um problema convidar professores visitantes, de uma grande extensão de experiências culturais e étnicas diferentes, para palestrar. Procuramos ter uma proporção de 1:1 entre professores asiáticos e ocidentais.

Enquanto os preparadores funcionam como membros de uma equipe internacional e interdenominacional, cada um contribui com suas habilidades, seus dons e seu conhecimento, procurando mais a harmonia que um estereótipo. Os preparadores sobrevivem melhor se: (1) estão atualizados a respeito de tendências e práticas missionárias; (2) são flexíveis e multi-culturais; (3) são bons ouvintes, e (4) sentem-se seguros de si e gostam de estar com as pessoas.

TAMANHO DA COMUNIDADE: A partir de minhas observações, para atingir um máximo de aprendizado precisamos de uma proporção de 1:3 entre preparadores e candidatos (1:4, no mínimo).

Capacitando a Força Missionária Internacional

O tamanho manejável de uma comunidade de aprendizado transcultural é de 25 membros: 20 candidatos e 5 preparadores. No caso de expansão, pode ser projetado um programa multi-comunitário, através do qual os preparadores são divididos de acordo com os campos ou ministérios alvo, mas ainda podem manter uma característica transcultural.

Cursos mais curtos para fazedores de tendas são também possíveis.

COMPROMETIMENTO: Acreditamos que esse tipo de ministério de treinamento, aprendizado e vida requer um comprometimento muito firme. Somente aqueles que estão comprometidos e desejosos de se colocarem à disposição e a serviço do programa perseveram e permanecem no ministério. Minha esposa e eu encontramos grandes dificuldades através desses anos, mas nunca pensamos em desistir. Enquanto esse ministério trouxe alegria e crescimento para nós e para aqueles que têm chegado e partido, e enquanto o nome de Deus for louvado e trabalhadores forem treinados para Sua colheita, o programa continuará a experimentar as ricas bênçãos do Senhor.

7. OLHANDO PARA O FUTURO

O AMTI (nome original do ACTI) foi iniciado em 1985, pela Aliança Missionária Além-mar (Overseas Missionary Fellowship), devido a uma necessidade das igrejas da Ásia de um programa de treinamento para missionários transculturais. Ele objetivava enfatizar o treinamento prático em comunidade, enfocando visões bíblicas e missiológicas e procurando desenvolver perspectivas asiáticas criativas sobre missões. Sob a liderança do Rev. Ogawa e sua esposa e do Dr. T.Loong e sua esposa, o programa de sete meses treinou 29 missionários asiáticos e ocidentais, entre 1985 e 1989. Eles estão agora servindo em seis países como implantadores de igrejas e profissionais transculturais.

Cingapura provou ser um centro ideal para tal programa. É uma nação estável, com uma população multi-cultural. É também o centro de muitas agências cristãs e missionárias.

Em 1988, para intensificar um envolvimento entre missões nesse programa, o OMF convidou outras oito agências de missões para se unirem na reconstituição do Quadro de Diretores. Naquela época, foi também decidido mudar o nome Instituto de Treinamento

Missionário Asiático (Asian Missionary Training Institute - AMTI), para Instituto Asiático de Treinamento Transcultural (Asian Cross-Cultural Training Institute - ACTI), tendo em vista a sensibilidade de profissionais cristãos servindo em países de acesso limitado.

A união de nove agências de missões para formar o ACTI foi realmente a mão de Deus agindo. Foi uma resposta às orações de muitos cidadãos de Cingapura, interessados no treinamento de missionários transculturais. As várias agências vinham funcionando independentemente por muito tempo, algumas vezes até mesmo a ponto de competirem umas com as outras, especialmente nas áreas de finanças e de pessoal. Tudo isso ficou para trás. Com estratégias coordenadas, rendimentos combinados e a melhor utilização do pessoal disponível, o trabalho de treinamento deve dar um salto à frente. O futuro parece brilhante.

O ACTI é uma resposta às orações de cristãos com uma consciência missionária por toda a Ásia. Como testifica o Dr. James Taylor, presidente do conselho de administração, "É profundamente gratificante ver um espírito genuíno de respeito mútuo e cooperação, que tem caracterizado a formação do novo conselho, e compartilhar o comprometimento, a fé e a esperança expressa nessa bela parceria."

O ACTI objetiva manter a mesma característica do começo do AMTI, treinando missionários através da vida e do aprendizado em conjunto. Um aluno relatou: "Os meses no ACTI foram como estar no útero, gradualmente absorvendo e contextualizando o que estava acontecendo ao nosso redor. Orem para que quando formos para o campo missionário (nascermos), sejamos fortes o bastante para sobreviver!" A equipe do conselho de administração e de ensino está orando sinceramente para ver mais candidatos num serviço missionário bem sucedido, levando a semelhança de Cristo numa vida completamente comprometida, de paixão e coragem.

NOTAS

1. David W. Johnson and Frank P. Johnson, *Joining Together: Group Theory and Group Skills* (Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1975), p. 388.
2. *Ibid.*, p.423.

Capacitando a Força Missionária Internacional

3. Paul G. Hiebert, *Cultural Anthropology* (Grand Rapids, Michigan: Baker, 1976), p.40.
4. Johnson e Johnson, *op. cit.*, p.425.
5. *Ibid.*, p.427.
6. Stephen Grunlan and Marvin Myers, *Cultural Anthropology, A Christian Perspective* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1979), p.81.

O Dr. Titus Loong, Deão do ACTI, serviu como cirurgião missionário com os Batistas Conservadores em Taiwan, entre grupos tribais. Ele é membro do comitê consultivo da Fraternidade Internacional de Treinamento Missionário (International Missionary Training Fellowship), sob o patrocínio da Comissão de Missões da WEF. Este capítulo foi apresentado pela primeira vez na Consulta de Manila e, então, revisado para publicação.

**CURRÍCULO DO INSTITUTO ASIÁTICO DE
TREINAMENTO TRANSCULTURAL 1989-1990**

*VIDA E MINISTÉRIO TRANSCULTURAL
(2 HORAS POR SEMANA)*

• Comunicação Transcultural	5 semanas
• Vida Familiar Missionária	15 semanas
• Relacionamento Interpessoal - Princípios e Prática de Grupo	5 semanas
• Aconselhamento Transcultural	5 semanas
• Implantação de Igrejas e Discipulado Transcultural	10 semanas
• Missões numa Época Revolucionária	5 semanas
• Relacionamento com a Igreja e com Organizações de Missões	5 semanas
• Guerra Espiritual e Oração de Intercessão	5 semanas
• Saúde Básica para Missionários	5 semanas
• Lidando com o Estresse	5 semanas

*TEOLOGIA, HISTÓRIA E ASSUNTOS ATUAIS SOBRE
MISSÕES (2 HORAS POR SEMANA)*

• Teologia de Missões	10 semanas
• Missiologia Asiática	5 semanas
• Exegese Transcultural e Estudo da Bíblia	5 semanas
• Contextualização da Teologia	5 semanas
• Ecumenismo, Preocupação Social e Missão Holística	5 semanas
• Desenvolvimento Histórico do Movimento Cristão Mundial	10 semanas
• Movimentos Missionários do Terceiro Mundo	10 semanas
• Movimento de Crescimento da Igreja, Movimento de Lausanne, Movimento de Renovação, etc.	10 semanas

ESTUDOS SOBRE PAÍSES E RELIGIÕES

Cursos Requeridos:

• Introdução a Religiões Mundiais	5 semanas
• Estudos sobre Cingapura	3 semanas
• Religiões Populares	5 semanas

Capacitando a Força Missionária Internacional

Estudos Abrangentes (Estudos de Caso):

- País (por exemplo, Filipinas, Tailândia, Nigéria) 4 semanas
- Igreja e História de Missões de um continente/distrito (por exemplo, Igreja e História de Missões na América Latina) 4 semanas

FONÉTICA, LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIA CULTURAL

Seis semanas, com Semestre I Segmento A, do Asia Summer Institute of Linguistics.

ESTUDOS ESPECIAIS

- Evangelismo Urbano e Rural
- Missões Profissionais (Missionários servindo como profissionais transculturais)
- Tradução da Bíblia
- Relacionamento com Estruturas de Autoridade
- Compreensão dos Dons Espirituais
- Direção/Liderança/Mordomia em Missões
- Habilidades de Redação/Computador
- Sociologia e Missões

PESQUISA

Um documento sobre a área de interesse especial do candidato deve ser apresentado ao final do curso.

FOLHA DE AVALIAÇÃO DO INSTITUTO ASIÁTICO DE TREINAMENTO TRANSCULTURAL

Nome do Candidato:

Avaliado por:Data:

Maturidade Espiritual e Zelo Missionário

a. Área de Estímulo:

b. Área de Interesse:

Vida em Comunidade Transcultural

a. Área de Estímulo:

b. Área de Interesse:

Treinando Missionários na Ásia

Estudo Acadêmico

- a. Área de Estímulo:
- b. Área de Interesse:

Relacionamento Interpessoal

- a. Área de Estímulo:
- b. Área de Interesse:

- | | | |
|--------------------------|-----|---------------|
| • Espírito de Equipe | () | 1 muito pobre |
| • Estabilidade Emocional | () | 2 pobre |
| • Progresso em Inglês | () | 3 médio |
| • Reação a Conselhos | () | 4 bom |
| • Saúde | () | 5 muito bom |

Comentários Gerais:

Rumo a um Modelo Coreano de Treinamento Missionário

David Taiwoong Lee

1. INTRODUÇÃO

A. Informações Gerais

A igreja coreana celebrou recentemente seu centenário, e é agora reconhecida como uma das dez maiores nações de envio de missionários entre as igrejas do Terceiro Mundo. Mais de uma fonte confirmou que os coreanos têm, atualmente, mais de mil missionários servindo em todo o mundo.¹ Isso está, no entanto, abaixo da média esperada em termos de seu potencial de serviço missionário, pois a igreja ainda tem apenas uma proporção de 1:10.000, entre os missionários e seus membros.

Espera-se que, no futuro, a igreja coreana aumente sua força missionária, por pelo menos três razões: primeiro, as igrejas locais estão se conscientizando, cada dia mais, da necessidade de enviar missionários; segundo, as igrejas coreanas estão trabalhando mais arduamente para encontrar maneiras criativas para novos campos missionários; terceiro, a situação política e econômica está mais conducente ao envio de missionários. Diante desses progressos, o

Capacitando a Força Missionária Internacional

treinamento missionário não apenas é decisivo, como tem sido também cada vez mais solicitado.

Que tipo de treinamento missionário é necessário atualmente?

Primeiro, num estágio pioneiro do movimento missionário coreano, é desejável um treinamento mais profundo. Normalmente os missionários têm que tomar muitas decisões difíceis. Frequentemente eles precisam estabelecer uma infra-estrutura no campo, com muito pouca orientação por parte do seu país de origem ou de um líder de campo mais experiente. Isso é um fardo muito pesado para um novo missionário. Quanto mais treinamento tal pessoa tiver, maior a chance de que cumpra seu papel com sucesso.

Em segundo lugar, quando há uma liderança de campo bem estabelecida, pessoas com menos treinamento podem ser capazes de trabalhar normalmente. Como novos membros de muitas das organizações missionárias estabelecidas internacionalmente, um período de orientação curto e intenso pode ser tudo o que necessitam. Geralmente eles irão despender dois ou mais anos no estudo da língua, sob uma liderança de campo bem qualificada. Esse período pode funcionar como um substituto para o treinamento adicional que um missionário necessita.

Terceiro, para os coreanos que optam por servir numa agência missionária internacional, é aconselhável um treinamento mais longo. Embora uma liderança de campo bem estabelecida possa existir, o novo missionário precisará lidar com a cultura missionária, além da cultura alvo.

O movimento missionário coreano está em tal estágio que muitos trabalhadores pioneiros, bem como aqueles que trabalham com agências missionárias internacionais, são necessários. Em ambos os casos, tem sido indicado que um treinamento mais completo, sob preparadores competentes, é necessário. Mas que programas de treinamento são disponíveis hoje na Coreia? Existem atualmente onze agências de treinamento missionário (de acordo com a pesquisa do Dr. Marlin Nelson)². Se adicionarmos os seminários que tentam treinar missionários, o número cresce para treze. Estes podem ser divididos nas três seguintes categorias:

(a) Treinamento Missionário Baseado em Seminário

É previsto que um número crescente de seminários oferecerá, no futuro, programas acadêmicos em missiologia. Atualmente, no entanto, existem apenas dois desse tipo. O ACTS oferece programas de MA e Th.M (mestrado em teologia) em missiologia, enquanto

uma concentração menor em cursos de missões é oferecida para estudantes do M.Div. (mestrado em divindade), no Seminário Presbiteriano Tonghap (Tonghap Presbyterian seminary).

Para que esses programas funcionem como programas de treinamento missionário, o treinamento tem que seguir um padrão, tanto de educação formal quanto de não-formal. O seminário Presbiteriano, portanto, requer que todos os seus candidatos à concentração menor em cursos de missão (menor) do M.Div. compareçam a um certo número de seminários e participem da vida em comunidade.

(b) Módulos de Treinamento Missionário

Esta é uma maneira muito conveniente de receber treinamento a curto prazo, na qual uma pessoa pode ser treinada, enquanto conserva sua vocação ou ministério. Se esse tipo de programa puder proporcionar um currículo equilibrado, orientação no aprendizado, assim como no desenvolvimento do caráter, estará cumprindo seu propósito. Quando muito, esse tipo de programa pode ser apenas para aqueles que ministram sob uma liderança bem estabelecida. Para pioneiros e para aqueles que optam por servir em agências internacionais, um programa de treinamento mais firmemente controlado é mais apropriado.

(c) Institutos de Treinamento com Vida em Comunidade

As diferenças básicas entre um tipo de treinamento de seminário e institutos de treinamento são as seguintes: o segundo é mais que uma experiência de sala de aula; ele atinge a pessoa e sua vida como um todo, embora aproveite também a força de uma abordagem de sala de aula. Para tornar esse tipo de treinamento eficiente, pelo menos os seguintes cinco pontos devem ser considerados: (1) uma homogeneidade com alta motivação para missões transculturais é necessária; (2) bons professores que possam servir como instrutores e guias são de importância vital; (3) uma experiência transcultural em diferentes níveis de aprendizado é necessária; (4) o ambiente de vida em comunidade não pode estar muito distante da situação de vida real; (5) a proporção entre estudantes e professores não pode ser muito alta, talvez não excedendo a de 10:1.

Além disso, há mais um tipo de programa: aquele conduzido por centros estrangeiros de treinamento missionário. Um estudante, ao ir para tais centros, seria, sem dúvida, muito beneficiado; mas existem também algumas críticas. Esses centros (dentre os quais o ACTI pode ser uma exceção) são normalmente designados para treinar ocidentais com seus objetivos próprios. Estes, freqüentemen-

Capacitando a Força Missionária Internacional

te, não coincidem com as necessidades de candidatos coreanos. A língua é uma outra barreira. Alguns podem argumentar que a pessoa pode “matar dois pássaros com uma só pedrada”. Mas, frequentemente, quando o indivíduo tem que aprender inglês, ao mesmo tempo em que recebe treinamento num grupo com a maioria de brancos, pode ser que corra o risco de perder ambos os “pássaros”, tanto a língua quanto o treinamento.

Existem também limites na compreensão da visão de mundo e da cultura coreana que um professor estrangeiro pode ter. Isso torna difícil chegar ao cerne de um problema que um estudante possa estar enfrentando, especialmente quando for um problema profundamente psicológico. Uma limitação na língua compõe o problema.

Por tudo isso, não se pode subestimar o valor de centros de treinamento nacionais, com professores bem preparados, que possuam conhecimento missiológico atualizado e uma percepção viva sobre muitos dos problemas ligados à cultura. Estes podem ajudar muito se forem capazes de oferecer um programa de treinamento bem equilibrado.

Até o presente, temos examinado o atual movimento de treinamento missionário coreano, e temos sugerido que um sistema de treinamento apropriado deveria ser de longa duração, associado a uma vida em comunidade. Iremos agora concentrar nossas atenções em fatores que estão afetando o treinamento missionário.

B. Fatores que Afetam o Treinamento Missionário na Coreia

A cultura coreana sofreu grandes mudanças no decorrer do século passado. Um coreano comum, hoje em dia, não tem bem certeza do que é realmente a cultura coreana. São possíveis três alternativas. A primeira, é abandonar tudo que seja coreano e estar pronto a adotar uma cultura ocidental ou alguma outra. Isso irá provocar uma erradicação da cultura, e o resultado final pode ser uma crise de identidade. A segunda alternativa é aderir indiscriminadamente à cultura coreana. Isso é mais perigoso porque a pessoa pode tornar-se, inconscientemente, um imperialista cultural. A terceira, uma opção melhor, é conscientizar o estudante de sua cultura original, qualquer que seja ela. Além disso, várias teorias transculturais podem ser ensinadas. Isso irá proporcionar ao indivíduo uma maior chance de se tornar uma pessoa bicultural, ou mesmo tricultural, se for necessário.

Quando alguém entende o sistema educacional de um país,

Rumo a um Modelo Coreano de Treinamento Missionário

acaba compreendendo muito sobre sua própria cultura e necessidade de treinamento. A educação coreana pode ser caracterizada como centrada no professor, dominada pela repetição mecânica e voltada principalmente para o exame de ingresso na universidade. Isso pode ter uma tremenda repercussão no treinamento missionário. O treinador precisa não apenas mudar o método de aprendizado, mas também lidar com toda a área de estilo de vida, relacionamentos e desenvolvimento de caráter.

A educação teológica coreana emprestou muita coisa do Ocidente. Ela precisa ser reavaliada para tornar-se mais contextualizada e nativa. O treinamento missionário coreano deveria tentar fornecer ferramentas para contextualizar o aprendizado teológico em diferentes contextos culturais. Assuntos como exegese transcultural, homilética e treinamento em discipulado transcultural são exemplos de tais esforços.

Temos considerado, até o presente, conhecimentos gerais anteriores e fatores que afetam o treinamento missionário coreano. Agora tentaremos apresentar uma filosofia de treinamento missionário apropriada para a atual situação coreana. Para esse propósito, o Centro de Treinamento para o Ministério Global (Global Ministry Training Centre) será utilizado como um exemplo.

2. UM MODELO COREANO - O CENTRO DE TREINAMENTO PARA O MINISTÉRIO GLOBAL

O GMTC foi fundado em 1986. Neste momento, o quarto grupo de candidatos está recebendo seu treinamento. Esse modelo de treinamento missionário é elaborado sob a pressuposição de que o movimento missionário coreano necessita ainda de missionários pioneiros, assim como daqueles que irão servir em agências internacionais. Para alcançar isso, o modelo terá os seguintes objetivos, métodos de treinamento, currículo, assuntos e professores.

A. Objetivos Gerais

Esse modelo almeja o treinamento da pessoa como um todo. Busca-se um equilíbrio entre o aprendizado acadêmico e a prática. Um verdadeiro espírito de serviço é enfatizado. Isso está de acordo com a necessidade do contexto coreano e do Terceiro Mundo.

A experiência de sala de aula e de vida em comunidade, numa situação da vida real com toda a família, irá proporcionar um solo

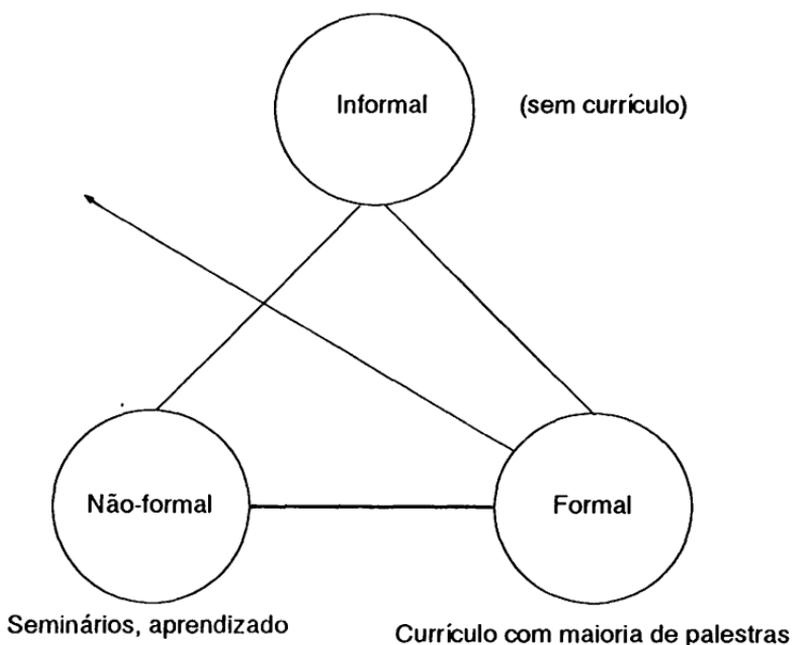
Capacitando a Força Missionária Internacional

fértil para treinamento. Mais especificamente, pretende-se realizar o seguinte:

1. Compreensão geral do que vem a ser missões;
2. Competência em evangelismo transcultural, treinamento em discipulado e implantação de igrejas;
3. Aprendizado de habilidades básicas sobre higiene, vida devocional, vida em família, direção e crescimento pessoal;
4. Lingüística e inglês.

B. Método de Treinamento

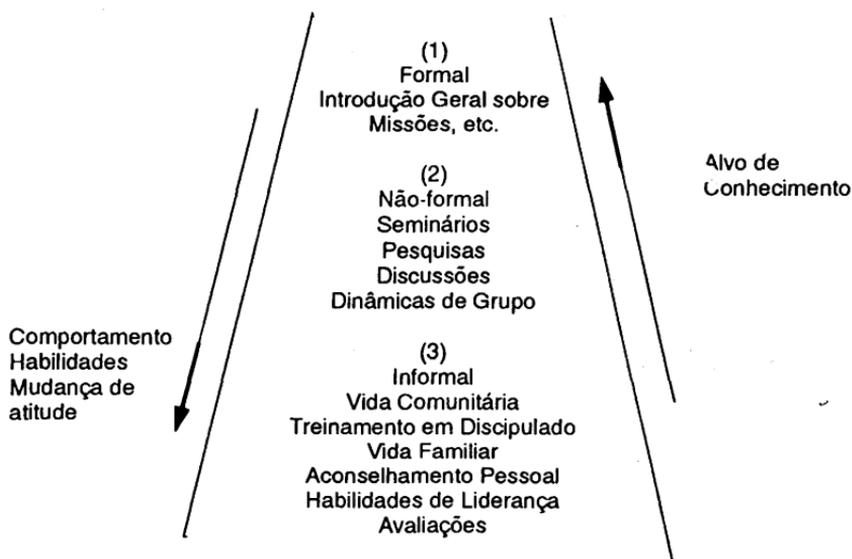
Os coreanos tradicionalmente seguem uma educação centrada no professor. Os missionários que recebem treinamento sob esse método podem ser fracos em habilidades para a solução de problemas. Além disso, este é um meio inadequado de trazer mudanças significativas ao caráter individual, e não desenvolve habilidades de equipe. Portanto, esse modelo tem por objetivo treinar seguindo o método que Jesus usou. Esse método tem sido ilustrado pelo Dr. T. Ward e por W. Taylor da seguinte maneira:



Rumo a um Modelo Coreano de Treinamento Missionário

Jesus não negligenciou o método formal de ensino (por exemplo, Mt.5-7), mas moveu-se da educação formal para a não-formal e informal.

Esse modelo então tem a seguinte forma:



É esse tipo de treinamento que trará equilíbrio entre aprendizagem acadêmica e prática real.

C. Planejamento de Currículo

A maneira como alguém planeja um currículo é uma coisa; outra coisa é um estudante seguir fielmente um currículo planejado. O sucesso de um programa de treinamento depende muito de como a orientação é dada no contexto de uma comunhão cordial. Na verdade, há dois níveis de currículo:

1. Currículo Explícito

a. Base Missiológica: Aqui a pessoa adquire um conhecimento geral sobre missões, estudando introdução a missões, teologia de missões, outras religiões e a importância da igreja e do ministério transcultural.

b. Ministério Transcultural: Pelo menos as cinco seguintes áreas mais importantes estão sendo enfatizadas:

- Exegese e homilética transcultural